

O REINO DE DEUS

Em Marcha

APRESENTAÇÃO

EBER BORGES DA COSTA

O REINO DE DEUS

O Reino de Deus

Revista: (011) 233-9633 e (011) 284-2388
04748-000 — Cidades Floras — SP
R. Alípio João de Pina, 700
IMPRENSA METODISTA
1933

APRESENTAÇÃO

Esta revista foi lançada pela primeira vez em 85 através da série Cruz de Malta, quando a redatora era Regina Coeli Weber. Devido a grande aceitação da revista na época, e tendo sua edição esgotada, resolvemos reeditá-la.

Agradecemos a colaboração do pastor Luiz Cardoso (Uruguaiana-RS) pelo trabalho de adaptação e atualização desta nova edição.

O objetivo desta revista é destacar para você, leitor, alguns momentos importantes da História da Salvação. Os estudos mostram a intervenção salvífica de Deus e como o ser humano respondeu a estas intervenções.

A revista está dividida em quatro grandes temas: "O Sonho de Deus e a Resposta Humana"; "Jesus Retoma o Tema do Reino de Deus"; "Os Profetas"; e "Visões do Reino".

Ao estudar esta revista você, certamente, conhecerá muito mais o que significa a expressão *Reino de Deus*. Nosso objetivo, como Editor Metodista, é educar as pessoas tendo como propósito (símbolo) o Reino de Deus.

O REINO DE DEUS

Copyright — Imprensa Metodista

1ª edição — 1985
2ª edição — 1991
3ª edição — 1993

Todos os direitos reservados pela Lei 5988 de 14/12/73

Secretário Executivo Editorial
Aluisio Faria de Siqueira

Secretário de Administração e Finanças
Renato Soares Fleischer

Departamento de Arte:

Coordenação: Juciene Carrapeiro

Composição: Maria Zélia Firmino de Sá

Arte: Ana Maria Góes

Revisão: Cristina Paixão Lopes

1933

IMPRENSA METODISTA

R. Vigário João de Pontes, 766

04748-000 — Chácara Flora — SP

Fones: (011) 523-9622 e (011) 247-5288

Fax: (011) 521-2825

ÍNDICE

Capítulo I - O Projeto de Deus e a resposta humana

Estudo 1: A Criação - O Sonho de Deus	6
Estudo 2: A Queda - A Resposta Humana	9
Estudo 3: Deus Promete Outra Chance - Noé e Abraão	13
Estudo 4: Deus Ouve e Age	17
Estudo 5: O Êxodo e a Aliança	21
Estudo 6: A Renovação da Aliança	25
Estudo 7: O Reino Proposto e o Reino Estabelecido	28

Capítulo II - Os Profetas

Estudo 1: Os Profetas Denunciam Abusos e Injustiças	32
Estudo 2: Os Profetas Falam da Destruição e do Juízo	35
Estudo 3: Os Profetas Anunciam o Novo Reino	38
Estudo 4: Eis o Servo do Senhor	41

Capítulo III - Jesus Retoma o Tema do Reino

Estudo 1: A Plenitude do Reino: O Amor	45
Estudo 2: Venha o Teu Reino	49
Estudo 3: O Reino de Deus é Chegado	52
Estudo 4: As Parábolas do Reino	55
Estudo 5: As Bem-Aventuranças	59

Capítulo IV - Visões do Reino

Estudo 1: Os Meus Olhos Já Viram a Tua Salvação	64
Estudo 2: Um Novo Céu e Uma Nova Terra	67

Capítulo I

O Projeto de Deus e a resposta humana

A Criação - O Sonho de Deus

Texto Bíblico Fundamental: Gênesis 1 e 2

Quando Deus Reina

Os Capítulos 1 e 2 de Gênesis não somente atestam o poder criador de Deus; eles retratam também o tipo de existência quando Ele reina. Há perfeita harmonia e completo equilíbrio entre os seres humanos e a natureza. Tudo se processa em absoluta justiça e amor. Há ordem e bem-estar em toda parte.

Alguns pontos importantes

a) Deus criou tudo e era bom.

Gênesis não é um retrato científico que entra em detalhes sobre COMO o universo foi criado. É um documento de fé que afirma ser Deus o autor e criador de tudo. A pergunta importante não é COMO o universo foi criado, mas sim QUEM o criou. Gênesis 1.1 responde que Deus criou tudo.

Gênesis também não se preocupa tanto em descrever o processo da criação. O importante é o propósito. Deus criou tudo em amor e para o bem-estar daqueles que Ele ama. Deus viu que tudo que Ele criou era bom; isto é, contribuía para o bem de todos. (Ver Gn 1.10, 12, 18, 21, 25, 31). Na verdade, tudo que Deus criou era muito bom. Onde Ele reina e onde sua vontade prevalece existe harmonia, equilíbrio, justiça e o absoluto bem-estar de todos. Este é o Projeto de Deus que a criação reflete.

b) Deus criou homem e mulher à sua imagem.

Para entender melhor a expressão "à imagem de Deus", façamos esta pergunta: "Ídolo e imagem são a mesma coisa?" SIM, no sentido de que ambos representam algo.

NÃO, no sentido da validade da representação. Um ídolo é uma falsa representação. Promete o que não pode cumprir. Faz uma representação externa de poder, santidade ou sabedoria, mas, na realidade, não tem nada disso.

Imagem é outra coisa. É uma representação legítima. Na realidade, só Deus pode autorizar sua própria imagem. Na criação Ele achou por bem criar o ser humano à sua imagem. Isto significa que autorizou o ser humano a representá-lo. Em nome de Deus, o ser humano poderia guardar e cultivar a terra e dominar a vida vegetal e animal. Deus exerce poder e domínio em forma infinita e ilimitada. O homem e a mulher, criados à imagem divina, poderiam exercer um poder e domínio em forma finita e limitada. A referência em Gênesis 1.26-27 não significa que o ser humano seja idêntico a Deus. A expressão "Imagem de Deus" significa que pessoas são radicalmente diferentes dos animais, mas não significa que ocupem o lugar de Deus nem significa que alcançaram a plena igualdade a Deus.

c) Deus ordena e classifica todas as coisas e estabelece os valores.

O relato da criação fala muito em separar as coisas e chamá-las por nome (ver Gn 1.4, 5, 6, 10 e 14-18). Deus dizia quem era quem, qual o devido lugar de cada coisa e para que servia cada elemento da criação.

O Sonho de Deus

Seres humanos sonham. Formulam idéias utópicas e criam "Ilhas da Fantasia". Na sua imaginação as pessoas criam lugares e condições ideais para morarem. Estes sonhos correspondem à realidade? De maneira alguma! Ao nosso redor vemos favelas, pobreza, miséria, terras improdutivas, desertos, poluição dos rios e do ar e condições bem precárias para a sobrevivência humana. Mesmo os ricos, que têm dinheiro suficiente para custear todas as condições necessárias a uma existência feliz, estão preocupados com sua própria segurança e com a manutenção e o aumento dos seus bens. Este tipo de preocupação é fruto da própria contradição a que estão submetidos, ou seja, a existência de pobres e ricos.

O relato da criação fala do Éden - um lugar com árvores em contraste ao deserto, um lugar de águas em contraste a terras áridas, um lugar de fartura e sobretudo, um lugar de paz e tranquilidade entre as pessoas e com a natureza.

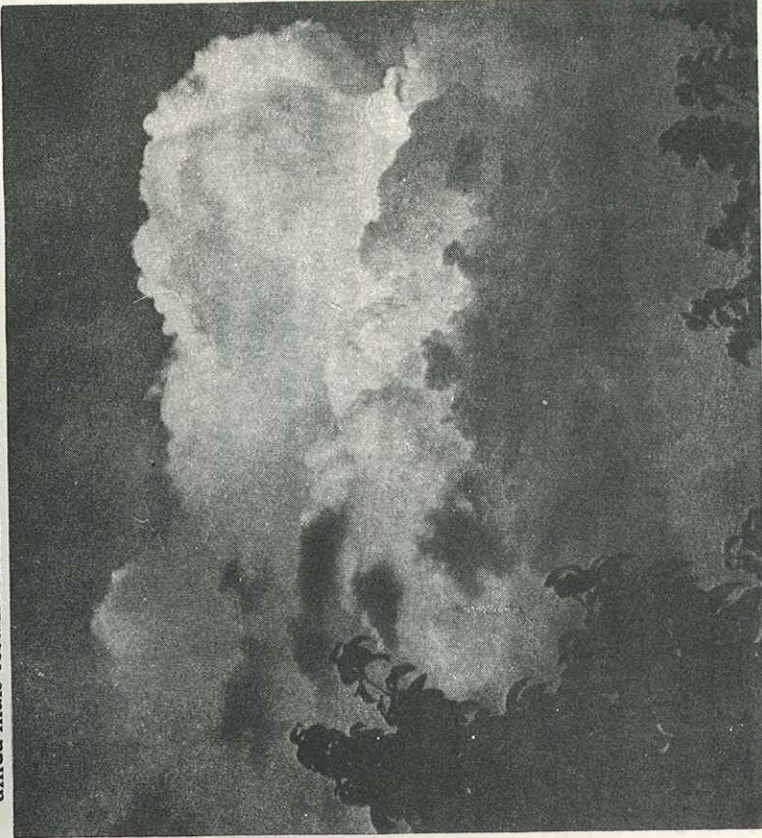
O Reino de Deus é um lugar como o quadro que observamos no relato da criação. Há perfeita harmonia, paz, tranquilidade e bem-estar. As pessoas vivem bem entre si e todas em perfeita harmonia com a natureza.

Os seres humanos refletem a imagem de Deus e cada um anda de acordo com essa imagem (ver Cl 3.10). Os valores obedecem os critérios que Deus estabeleceu com sabedoria: justiça, paz, amor, solidariedade, alegria...

Assim é o projeto de Deus. E este projeto é muito superior a todas as fantasias humanas em torno de utopias ou "Ilhas da Fantasia". (Esta visão corresponde, na realidade, a uma visão escatológica, isto é, vai acontecendo desde já e chegará à plenitude no futuro, no fim dos tempos; pode-se dizer que já acontece e ainda não aconteceu plenamente.

Para reflexão em grupo

1. Existe hoje a harmonia Deus-pessoas-natureza? Se acharem que existe, como foi conseguida e como manter essa harmonia? Se acharem que não, por que não existe e o que fazer para consegui-la?
2. Que fato concreto vocês podem apontar para ilustrar que esta harmonia existe e funciona dentro da sua igreja local? O que fazer para agilizar ainda mais essa harmonia e vivenciá-la?



A Queda - A Resposta Humana

Texto Bíblico Fundamental: Gênesis 3 e 4

Não deu certo

A proposta da criação na qual todos foram criados para viver em perfeita paz e harmonia não deu certo. O equilíbrio e o bem-estar de Gênesis 1 e 2 já não existem mais em Gênesis 3 e 4. O plano de Deus era perfeito, mas a resposta humana não. O texto bíblico fundamental relata o triste fato da queda do ser humano e a interferência do pecado no plano divino.

A serpente

No relato bíblico, a serpente representa muito mais do que uma classificação de ofídios ou gênero de cobras. A serpente representa hostilidade a Deus e a obstrução de seus planos. É o adversário com a clara intenção de interferir nos propósitos de Deus. É o enganador que se coloca na posição de saber mais do que o próprio Deus. "É certo que não morrem" (v.4) é uma afirmação de alguém que se julga melhor informado do que Deus. E logo em seguida a serpente tem a audácia de pensar em conhecer o motivo que levou Deus a fazer a proibição e, com isso, insinuar que Deus era invejoso, vaidoso e interessado apenas em manter exclusividade de poder.

Muitos nomes - um trabalho

Gênesis 3 relata o início de um trabalho incessante do adversário de Deus, do inimigo dos propósitos divinos e do enganador que introduziu desordem, confusão e discórdia no meio da vida humana.

Satanás é um dos nomes usados e esta forma aparece 17 vezes no Antigo Testamento (13 vezes no livro de Jó).

No Novo Testamento este nome se registra 34 vezes. A palavra diabo descreve este adversário de Deus 33 vezes no Novo Testamento. Outros nomes usados com menor frequência são: o tentador (Mt 4.3; 1 Ts 3.5); o maligno (Mt 13.19-38 e 1 Jo 5.18-19); o acusador (Ap 12.10); o inimigo (Mt 13.39 e Lc 10.19); Belzebu, o maior dos demônios (Mt 12.24 e Lc 11.15, 18-19); o príncipe deste mundo (Jo 12.31; 14.30; 16.11); o príncipe da potestade do ar (Ef 2.2). Contudo, qualquer que seja o nome usado, o trabalho é o mesmo - o de tentar afastar o ser humano do projeto de Deus, o de semear confusão e discórdia entre as pessoas e de desviar as pessoas da vontade de Deus.

A tentação

Em um só versículo (Gn 3.6) temos um perfil da tentação que demonstra uma percepção profunda da natureza humana. "A árvore era boa para se comer"; isto é, o mais importante no momento foi a satisfação dos desejos e do apetite imediato. "Agradável aos olhos", isto é, a aparência externa pesava mais do que qualquer outro fator na avaliação da situação. "Desejável para dar entendimento"; isto é, o mais importante era conseguir um instrumento de poder com a finalidade de exercer influência e até concorrer com Deus. Faça uma comparação entre Gn 3.6 e 1 Jo 2.16. A Bíblia na Linguagem de Hoje traduz assim:

"Os maus desejos da natureza humana, a vontade de ter o que agrada aos olhos, e o orgulho pelas coisas da vida - tudo isso vem do mundo".

Prosseguindo, podemos comparar estes dois textos com a tentação de Jesus (Mt 4.1-11). O ser humano em Gênesis achou que o fruto seria bom para se comer e seguiu o desejo do momento. João nos adverte que o simples desejo não deve ser o motivo da ação. Os desejos desenfreados são maus porque refletem egoísmo, interesse pessoal e insensibilidade. Jesus poderia ter o desejo de transformar as pedras em pães para poder satisfazer o seu próprio apetite e ainda usar o alimento como chamariz para ganhar mais adeptos.

O ser humano olhou a árvore pensando apenas no desejo do momento, chegou à conclusão de que era boa para se comer. Não havia outras considerações a não ser o desejo do momento. Jesus olhou as pedras, e poderia considerar a possibilidade de transformá-las em pães, o que com certeza seria bom para comer após um período prolongado de jejum. Mas havia uma outra ponderação - "Não só de pão viverá o homem."

O desejo desenfreado é a ambição de "ter poder sobre", de acumular para si mesmo, de ser mais que os outros, mais que o próprio Deus.

O fruto da árvore era agradável aos olhos. Esta aparência externa motivou a ação. Deve ser bom se tem aparência agradável. Só com este critério, o ser humano agiu. O tentador apresentou um plano bem atraente a Jesus - o de saltar do pináculo do templo dando um grande espetáculo para a multidão. Certamente um milagre em praça pública é uma atração irresistível. O ser humano examinou a árvore e a aparência externa do fruto e chegou à conclusão de que deveria comer. Jesus examinou a embalagem do pacote que o tentador ofereceu. Sem dúvida, havia um aspecto externo bem atraente: chamar a atenção da multidão para o poder de Deus, despertar mais interesse pelas coisas de Deus e projetar seu ministério perante inúmeras pessoas. Jesus, porém, examinou a questão mais profundamente. O Senhor tirou a bonita embalagem externa e viu que tal ato seria colocar em cheque a promessa de Deus. Seria "tentar" Deus a provar seu cuidado para conosco. Seria um ato de descrença em busca de uma prova externa para se transformar em fé. Jesus preferiu manter sua confiança em Deus e dispensar provas externas que pudessem "autenticar" o cuidado de Deus. Para Jesus, Deus não precisava buscar documentos ou autenticações para comprovar seu amor e cuidado.

A promessa de Deus é suficiente em si. "A árvore era desejável para dar entendimento". O ser humano queria o poder que ele achava que o conhecimento traria. João advertiu os fiéis contra o orgulho pelas coisas da vida. O ser humano caiu na cilada do tentador e foi atrás do poder e da projeção pessoal que aparentemente a árvore oferecia. O tentador ofereceu uma proposta sobremaneira atraente para Jesus - todos os reinos do mundo e sua glória. Se Jesus entrasse em sociedade com o diabo, não haveria limites à fama, ao poder e à projeção pessoal que poderia alcançar. Em contraste ao ser humano que caiu, Jesus venceu a tentação rejeitando o orgulho, a ambição e o egoísmo de tentar conquistar glórias para si mesmo.

As consequências do pecado

No momento em que o pecado entrou em cena, quebrou-se aquela paz e harmonia que Deus havia criado com tanto amor e carinho. A vergonha suplantou um relacionamento equilibrado e natural entre homem e mulher (Gn 3.7-8). O ser humano não mais poderia permanecer na presença do Senhor com naturalidade e consciência tranquila. Era preciso fugir, tentar esconder e tentar enganar (Gn 3.9-11). Começou o círculo vicioso de tentar jogar a culpa nos outros e os esforços de racionalização (Gn 3.12-13). Sofrimentos, miséria, dificuldades e pesos extras foram lançados sobre todos os seres humanos (Gn 3.15-24). Os relacionamentos humanos azedaram. Mesmo entre irmãos, onde os laços de amor devem ser os mais

Deus Promete Outra Chance - Noé e Abraão

Texto Bíblico Fundamental:
Gênesis 9.1-17 Gênesis 15.12-31

Caído, mas não abandonado

A queda do ser humano trouxe grandes prejuízos. A harmonia, paz e o perfeito equilíbrio entre pessoas e natureza deixaram de existir.

O ser humano disse NÃO ao sonho de Deus e daquele momento em diante começou a viver alienado, em discórdia e em conflito com os propósitos divinos. Na sua misericórdia, Deus não deixou o ser humano neste estado deplorável. O amor divino ofereceu outra chance ao homem caído. Deus não abandonou o ser humano. As histórias de Noé e Abraão demonstram as providências divinas em torno de uma outra chance para o homem alienado por causa do pecado. O pecado fez a pessoa humana dizer: "Não, não quero viver dentro do propósito de Deus!" O amor fez Deus dizer: "Eu ainda amo as pessoas. Ofereço outra chance para viver em amor e comunhão comigo e entre elas mesmas!"

Uma aliança com Noé

Não mais existia aquela condição de paz e harmonia na ordem criada que vimos em Gênesis 1 e 2. Não havia um perfeito relacionamento entre animais e seres humanos como antes (Gn 9.2). Havia discórdia entre as pessoas e agora era necessário ter leis e sanções para tentar evitar choques e até mortes (Gn 9.5-6). A aliança que Deus fez com Noé visava restaurar o que foi perdido na queda. Embora o ser humano tivesse rejeitado o sonho de Deus dizendo NÃO aos propósitos da Criação, por intermédio de Noé, Deus ofereceu uma outra chance para a vida. O amor de Deus estava agindo em benefício de todos os seres viventes (Gn 9.8-17). No seu grande amor, Deus não aceitou a resposta humana como sendo

fortes, há rivalidade, inveja, dissensões e até homicídio (Gn 4.8-16). O pecado não ficou apenas sobre uma pessoa que cometeu um ato desagradável a Deus; atingiu outras pessoas. O pecado é universal em extensão, trágico em suas consequências e imprevisível em seus resultados desastrosos.

Em resumo, Deus tinha um sonho bonito para todos. A criação reflete bem este propósito de harmonia, paz e bem-estar entre tudo e todos - pessoas com pessoas, pessoas com Deus e pessoas com a natureza.

Infelizmente, o ser humano disse NÃO ao propósito de Deus. A harmonia foi quebrada, o equilíbrio destruído e até hoje o ser humano sofre as trágicas consequências do pecado.

Gênesis 3 e 4 relata como foi esta queda.

Para reflexão em grupo

1. Existem hoje situações em que o ser humano diz SIM à proposta de Deus? Existem situações em que diz NÃO? Quais são concretamente?
2. No decorrer da História, a Igreja e a religião organizada e institucionalizada sempre disseram SIM à proposta de Deus?
3. Cite casos concretos nos quais sua igreja local diz SIM à vontade de Deus. Avaliem, em contrapartida, se há algum aspecto ou aspectos em que se nega a proposta de Deus.



definitiva. O NÃO dito em rebelião e em pecado poderia se transformar em SIM pela graça de Deus. Por iniciativa divina, a vida humana e a vida na terra poderiam continuar e, pelo menos em parte, a harmonia da Criação ser restabelecida.

A aliança com Abraão

Deus tomou a iniciativa e prometeu que Abraão:

- 1) seria pai de uma grande nação (Gn 17.2, 4-7);
- 2) teria como herança uma terra onde sua descendência poderia viver e desenvolver uma vida nacional e religiosa;
- 3) teria um sinal ou garantia desta aliança em forma de circuncisão para todos os homens (Gn 17.9-14).

A importância de uma aliança

Através de uma aliança, pessoas e povos exprimem os laços que os unem. Através de uma aliança todos se fortalecem nos seus alvos comuns. Na história de Israel, todo o relacionamento entre o povo e Deus se expressava em termos da aliança.

Sendo assim, a religião se tornou algo real e concreto e não apenas uma teoria vazia. Pela aliança, Deus poderia falar através de palavras e ações: "Eu fiz isto, quero que vocês façam isto". A Aliança dava a oportunidade para o povo contemplar os feitos de Deus e clamar "Tu és nosso Deus" ou, em torno daquilo que Deus prometeu ou fez, ouvir dEle estas palavras: "Eu sou teu Deus". Também a Aliança dava a oportunidade de do povo se dedicar a este Deus que opera em situações concretas dizendo: "Por causa deste maravilhoso feito nós somos o teu povo e queremos fazer a tua vontade" ou ouvir Deus dizer "Eu sou teu Deus, faça isto".

Através da Aliança, o povo reconhece que Deus está agindo, exigindo, encorajando, caminhando junto naquilo que Ele prometeu, na certeza de que Ele realizará seus intentos.

Exemplos de fé

Noé e Abraão são exemplos de fé. Não por terem sido super-homens mas porque responderam em fé às promessas de Deus. Eram sensíveis aos propósitos de Deus e participaram da aliança que Deus fez com eles para abençoar seu povo. Pela fé, Noé afirmou "Tu és meu Deus - farei a tua vontade para a preservação da vida e para a realização das tuas

propostas". Pela fé, Abraão declarou: "Tu és meu Deus - farei a tua vontade, aceito tuas promessas e serei teu instrumento para abençoar muitas nações." Pela fé, nós podemos participar hoje desta aliança que Deus continua a fazer com seu povo. Podemos afirmar "Tu és nosso Deus, faremos a tua vontade e viveremos em aliança contigo".

Para reflexão em grupo

1. A aliança com Abraão tomou uma forma bem concreta. Deus prometeu que a descendência de Abraão seria numerosa, uma bênção para muitos e teria uma terra dentro da qual uma vida nacional e religiosa poderia se desenvolver para o cumprimento dessa promessa. Tomou uma forma concreta e real. Qual a importância de uma fé religiosa sair da mera teoria e encontrar expressão em realidades concretas dentro da vida de um povo? Hoje encontramos expressões objetivas da fé ou a tendência é mais para o lado de expressões apenas teóricas e emotivas da fé?
2. A circuncisão era símbolo da aliança que Abraão recebeu. Quais símbolos existem hoje da nossa fé? Qual a importância dos símbolos? Existe algum perigo em torno dos símbolos?
3. Como vocês entendem hoje a aliança com Deus?
4. O ser humano tinha tudo para ser feliz e viver em perfeita comunhão com Deus conforme o plano da criação. Porém, o pecado quebrou essa união. Embora o ser humano fosse responsável por essa ruptura, Deus tomou a iniciativa de proporcionar outra oportunidade. A aliança com Noé e com Abraão visava o restabelecimento desta união. Na opinião do grupo, nossa apresentação do Evangelho hoje enfatiza qual aspecto - a condenação daqueles que caíram no pecado ou a tentativa de Deus de restabelecer o relacionamento prejudicado? Qual deveria ser a ênfase?

Deus Ouve e Age

Texto Bíblico Fundamental: Êxodo 3.1-12

Deus ouve o clamor do seu povo

O povo de Deus estava sofrendo. Na terra do Egito os escravos clamavam a Deus na sua aflição. E a aliança que Deus havia firmado com Abraão? Deus não se interessava mais por ela? É claro que sim! Deus ouviu o clamor do seu povo sofrido (Ex 3.7-9). Deus ouviu, compadeceu-se e agiu. Sua ação tomou a forma de chamar um instrumento humano para libertar seu povo. Moisés aceitou - não por julgar-se suficiente, mas por causa da promessa de Deus que veio junto ao chamado: "Euserei contigo" (Ex 3.12).

Moisés identifica-se com seu povo

O pequeno Moisés quase morreu na matança geral que o Faraó ordenou de todos os meninos recém-nascidos entre os hebreus. A criança foi achada pela própria filha do Faraó e levada para o palácio e criada como filho adotivo da princesa. Enquanto os demais hebreus sofriam como escravos, Moisés tinha todo o conforto e luxo de um príncipe egípcio. Teria sido muito cômodo para Moisés permanecer na sua vida como filho adotivo da princesa. Ele não era obrigado a se colocar ao lado do seu povo oprimido. Poderia ter ficado ao lado dos opressores com todas as vantagens da sua posição. No entanto, ao ver um egípcio espancando um hebreu, Moisés tomou uma decisão. Disse consigo mesmo "Este é meu povo. Ficarei ao lado dele." Certamente Moisés foi levado a tomar esta decisão porque reconheceu que o próprio Deus havia optado também a favor do seu povo sofrido. Deus ouviu o clamor do povo aflito, por isso Moisés não poderia ficar alheio aos seus sofrimentos.



Moisés - um homem comum chamado a fazer um trabalho fora do comum

O homem que Deus chamou para concretizar seu trabalho não era um sacerdote. Moisés não se destacou como religioso ou desvendador dos mistérios divinos. Não foi tirado de mosteiro ou vida clausurada para liderar o povo. Dos eventos do dia e dentro de uma situação social concreta, Deus chamou Moisés para liderar o povo.

A tarefa de Moisés era gigantesca, com várias facetas: libertar o povo da escravidão no Egito (tarefa de um líder militar); forjar uma unidade nacional em torno de uma estrutura governamental (tarefa de um estadista); comunicar novas idéias sociais sobre a vida nacional (tarefa de um filósofo/comunicador); instruir o povo nos ensinamentos religiosos em torno do Deus verdadeiro que firmou aliança com fiéis (tarefa de um educador-profeta); estabelecer uma vida ritual para perpetuar e reforçar os ensinamentos religiosos (tarefa de um sacerdote) e proporcionar condições para uma vivência pacífica entre pessoas bem divergentes em suas opiniões e resolvendo suas diferenças para evitar conflitos (tarefa de um juiz).

Além de ser uma tarefa de muitas facetas, havia outra complicação muito séria. Moisés não poderia cumprir sua missão com um simples decreto de lei ou com um simples organograma da estrutura política e governamental, nem com um simples montagem de cerimônias e rituais religiosos. A tarefa de Moisés, como instrumento de Deus, era a de guiar o povo em experiências de vivência diária onde se formariam: unidade nacional, estrutura governamental e expressão religiosa dentro das quais os intentos de Deus seriam concretizados. Deus chamou Moisés, um homem comum, para essa tarefa fora do comum para que este sonho original de Deus na criação (de uma existência de perfeita paz, harmonia e comunhão) pudesse ser concretizado apesar da resposta negativa dada pelo ser humano pecador.

Moisés em contraste com os demais "salvadores da Pátria"

Moisés foi chamado a ser um instrumento nas mãos de Deus para libertar seu povo. No decurso da história humana surgiram muitos líderes colocando-se no papel de "salvadores da Pátria". Chegam ao poder dizendo que a situação do povo é crítica e apresentam soluções. Assumem o poder com a promessa de corrigir os erros e melhorar a vida do povo. A vida de

Moisés apresenta um contraste marcante. Ele é bem diferente destes "salvadores da Pátria" que aparecem por aí. Estes sempre buscam interesses próprios; Moisés colocou a vontade de Deus e os interesses do povo acima de tudo. Aqueles assumem o poder sob a bandeira de ajudar o povo e acertar situações irregulares, mas uma vez no poder, só pensam em manter e fortalecer sua posição de privilégio e ficam esquecidos os interesses do povo. Moisés nunca perdeu de vista o fato de que ele foi colocado em posição de liderança pelo próprio Deus com a finalidade de servir ao povo; certamente ele teria de prestar contas a Deus nestes termos. Aqueles tendem a transformar-se em deuses por pensarem que seus próprios desejos refletem a vontade de Deus; por isso, chegam ao ponto de resolver tudo arbitrariamente. Moisés conservou o espírito de humildade e nunca perdeu de vista o fato de ser apenas um instrumento nas mãos de Deus. Muitos "salvadores da Pátria" têm usado suas posições de liderança para alimentar seu próprio orgulho e para defender interesses próprios; Moisés subiu até o mais alto cargo na nação, mas colocou-se debaixo da vontade de Deus para a realização da Sua vontade.

Deus trabalha para a realização dos seus propósitos

A criação caracterizava-se pela paz, harmonia e comunhão entre as pessoas, a natureza e o Criador. O pecado quebrou esta união. Em atitude de rebelião, o ser humano disse NÃO à proposta de Deus.

Porém, na sua misericórdia, Deus não abandonou o homem pecador. Tomou as providências para restaurar a comunhão prejudicada. Entrou em aliança com Noé e com Abraão para dar continuidade ao seu plano de redenção. Levantou Moisés para libertar seu povo dando prosseguimento ao processo de salvação. Embora o ser humano tivesse dado resposta negativa ao sonho de Deus, o Criador e Senhor continua com a realização do seu projeto da plena redenção de tudo e de todos.

Para reflexão em grupo

1. Examinar com bastante atenção Ex 3.7-9. Que tipo de aflição e sofrimento atingiu o povo? Que tipo de sofrimento vocês podem identificar hoje? O povo está clamando em torno de quê em nossos tempos? Deus ouviu este clamor? O que Deus estaria fazendo hoje para atender ao clamor dos que sofrem?
2. Examinar Êxodo 16.2-3. Como se explicam as murmurações do povo neste momento? Estando já fora dos limites do Egito e livres da escravidão, por que este desejo de estar de novo no Egito junto às panelas de carne?

É possível um povo estar livre politicamente e ainda ser escravo em outros sentidos, tais como escravo dos pecados, interesses pessoais etc?

3. Quem, em nossos dias, tem sido instrumento nas mãos de Deus para liderar seu povo na direção das propostas do Senhor?
4. Teria sido possível Deus usar Moisés como instrumento se ele tivesse permanecido dentro do palácio do Faraó como um príncipe egípcio ou era necessário que Moisés se identificasse definitivamente com o povo hebreu para poder cumprir a missão? O que significa hoje "identificar-se com o povo" para poder ser instrumento nas mãos de Deus?
5. Deus necessitou de Moisés para cumprir sua missão? E hoje, de que forma e para quê Deus nos chama?



O Êxodo e a Aliança

Texto Bíblico Fundamental: Êxodo 19. 1-8

Livres para ser

Sem dúvida, a situação dos israelitas no Egito era deplorável. Isso tinha que acabar. A opressão e a aflição do povo não estavam de acordo com o projeto de Deus. O Senhor ouviu o clamor do seu povo e levantou Moisés para liderar o movimento da libertação. Mas o processo de liberdade não terminou na fronteira do Egito. O povo ainda tinha à sua frente uma longa caminhada em direção à sua libertação. Os israelitas não ganharam apenas sua **liberdade de alguma coisa**, seriam libertados para alguma coisa. O povo sairia da escravidão dos egípcios mas entraria em submissão a Deus para concretizar Sua vontade em benefício de toda humanidade. A liberdade não seria conseguida para isentar o povo de leis e obrigações morais; seria um passo na direção da aliança que Deus firmou com seu povo visando o bem-estar de todos. Os israelitas saíram livres do Egito; não para fazer o que bem entendiam, mas livres para serem instrumentos nas mãos de Deus na realização da sua obra redentora.

Há aliança e aliança

Um tipo de aliança é feita entre duas partes de poder mais ou menos igual.

Neste caso, ambas as partes negociam em pé de igualdade fazendo um pacto em que cada um cede, concede e recebe conforme as negociações feitas. Há um outro tipo de aliança: entre rei-vassalo, chefe-subalterno ou rico proprietário-lavrador. Nestes casos, um está em clara superioridade ao outro. O pequeno não tem muito espaço para negociar e o poderoso tem

pouco a ganhar fazendo a aliança, portanto ele pode jogar e impor as regras; seria uma aliança unilateral. Porém, o superior poderia propor uma aliança da bondade do seu espírito só para beneficiar o menor. A base de qualquer negociação da parte do poderoso deve ser o amor e a bondade. Um pacto ou uma aliança nestas condições é mais um ato de graça e bondade do autor e nunca um mero acordo entre duas partes. Os israelitas interpretavam a aliança assim. Deus não fez aliança com o ser humano pensando com isto aumentar suas vantagens ou o seu poder - Deus é todo-poderoso e nada tem a ganhar com alianças no sentido comercial ou político. Deus entra nesta aliança mais no sentido de uma promessa e de benefícios oferecidos. A conclusão do povo israelita foi de que assim Deus oferecia suas bênçãos e a sua companhia constante e o povo oferecia sua lealdade e obediência. Era uma aliança bi-lateral, em que as duas partes concordavam, concediam e recebiam.

O Êxodo: fato importante para a aliança

No Egito, os israelitas sofreram bastante. Os chefes egípcios usavam a força para conseguir a submissão. Mas não era assim que Deus conseguia a submissão do povo à sua vontade. Foi por uma aliança espontânea. E qual foi a base desta aliança? O fato do povo ter um Deus atuante e poderoso agindo na história humana através de exemplos concretos. O Êxodo era o principal destes eventos históricos. O povo viu neste evento dramático a mão de Deus operando em seu benefício. Com essa ação bem viva na sua memória, Deus poderia dizer ao povo: Fiz isto, quero que vocês façam aquilo. E o povo, maravilhado diante dos grandes feitos do Senhor, disse: Nosso Deus é grande e maravilhoso, serviremos a Ele e obedeceremos suas leis, pois são santas e justas.

Um povo santo e eleito

Deus entra em aliança e chama para si um povo santo e eleito. Que significa isto? A idéia de santidade contém dois aspectos geralmente presentes:

- 1) **Separação** - aquilo que é reservado ou separado para o uso exclusivo de Deus (santuários, lugares de adoração, oferendas, sacerdotes, símbolos e utensílios utilizados nos cultos).
- 2) **Poder espiritual** - a capacidade de realizar algo em nome de Deus e dentro da sua missão.

O significado disto não é apenas de perfeição moral ou superioridade espiritual. Na realidade, só Deus é plenamente santo. Portanto, essa santidade não fica como uma idéia abstrata, passiva e teórica. A santidade de Deus é comunicada aos seres humanos operando na história, na experiência humana da vida das pessoas.

O Deus Santo elege, escolhe e chama um "povo santo". Este povo congrega em lugares especiais para prestar seu culto ao Deus Verdadeiro, tem as Escrituras nas quais se encontram leis e orientações para viver, busca uma vivência de justiça e retidão para testemunhar em comunidade, faz atos justos e retos porque vive em aliança com o Deus Santo e Justo. Por sua própria escolha este povo se separa para o trabalho de Deus e entra em aliança com Ele em torno da sua missão. Também este povo é capacitado para realizar o trabalho de Deus. Neste sentido, as duas idéias da santidade estão presentes: a separação e o poder espiritual.

A santidade não é característica ou atributo de uma minoria da elite religiosa que se destaca pela rigidez da sua vida moral; pertence a todos os fiéis, pois todos são herdeiros da obra de Deus em Jesus Cristo.

Leis que fundamentam a liberdade

Deus separou um povo para a sua missão. Este povo é santo; isto é, separado para um trabalho especial em nome de Deus e capacitado por Ele para realizá-lo. O povo israelita foi tirado da opressão e da servidão no Egito, mas a sua libertação significava mais do que a mera fuga dos seus chefes egípcios. Parte integrante do Êxodo era a aliança em que o povo aceitou submissão às leis de Deus. No texto em Êxodo 19.1-8 o povo é desafiado a ser aquela nação da propriedade peculiar de Deus e guardar diligentemente sua aliança. Todos responderam "Tudo o que o Senhor falou, faremos."

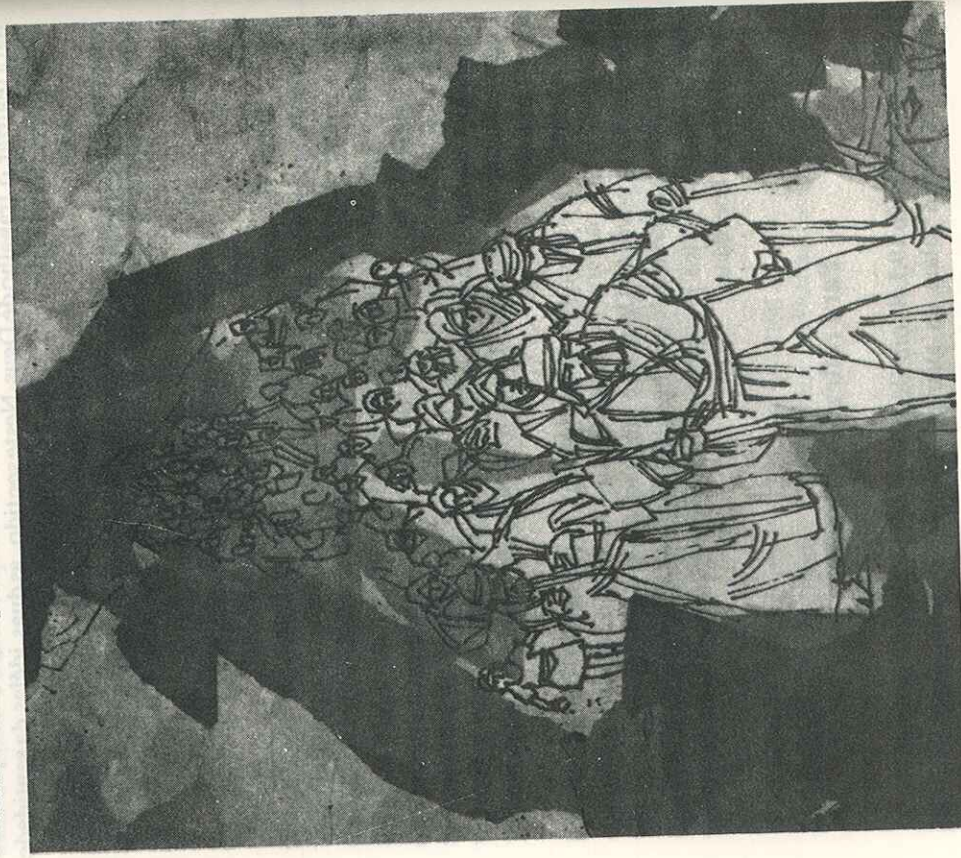
Na forma dos dez mandamentos temos a expressão concisa desta lei (Ex 20.1-17). Nas palavras do Êxodo 34.10-17 temos o registro da aliança entre Deus e o povo. O Deus que faz maravilhas em todo o seu poder convida o povo a uma vida de obediência e fidelidade. Dentro da lei de Deus e debaixo dos seus justos preceitos, os fiéis encontram a mais alta expressão possível da sua liberdade.

Para reflexão em grupo

- 1) Comparar Êxodo 19.1-8 com Gênesis 9.1-17 e Gênesis 15.12-21. Todos os textos falam da aliança. Em qual texto encontramos um

comprometimento mais abrangente do povo? Onde se fala mais sobre as leis de Deus? Onde se enfatiza mais a descendência de Abraão?

- 2) Concentrar seus pensamentos na sua congregação local. Esta congregação pode se caracterizar por estas frases: "raça eleita", "povo de propriedade exclusiva de Deus", "povo santo", "os escolhidos"?
- 3) Como é possível viver como "um povo escolhido por Deus" sem cair no exclusivismo ou orgulho?
- 4) O que sua congregação local está fazendo, que demonstre ser um povo santo e escolhido por Deus?



A Renovação da Aliança

Texto Bíblico Fundamental: Josué 24.1-28

A aliança em Siquém O contexto do texto

Siquém (ver apêndice no final da revista) era lugar de importância comercial por estar localizado nas rotas das grandes caravanas que transportavam mercadorias. O ponto era estratégico porque era a única passagem entre as montanhas da área, dando à cidade controle sobre as estradas no sentido Leste-Oeste da região.

Josué trouxe os fiéis até esse lugar. Ao chegar a Siquém, os israelitas encontraram outros povos que tinham origens em comum com eles. (Ver genealogias em Gn 10 e I Cr 1.5-27.)

Existia um relacionamento na linhagem, mas os habitantes desta parte da Palestina não compartilhavam com os israelitas a experiência da aliança e da promessa de Deus.

Perguntava-se: as tribos que chegaram à terra da Palestina em migrações anteriores tinham o direito de participar da aliança do Senhor? SIM, raciocinavam alguns, porque Abraão aparecia na sua árvore genealógica (embora de maneira remota e distante). Para alguns, este parentesco era suficiente para garantir a participação destas tribos.

Outros poderiam responder NÃO. Os costumes destas tribos eram completamente diferentes por causa das influências recebidas dos outros povos. Eles nem lembravam mais da vida religiosa dos seus antepassados.

Embora fossem da linhagem de Noé, não reconheciam os poderosos feitos do Senhor. Participavam de cerimônias e rituais em louvor a outros deuses. Josué estava em Siquém confrontando esta questão: quem poderia participar da aliança com Deus e como seria tal participação?

O que significa ser descendente de Abraão?

Deus chamou Abraão para ser pai de uma grande nação (Gn 12.1-9). Deus entrou em aliança com Abraão e sua descendência (Gn 15.12-21).

Quem participa desta aliança? Só os descendentes em linhagem direta de Abraão? O fator principal é o relacionamento sanguíneo? A genealogia de Noé se encontra em Gênesis 10 e I Crônicas 1.5-27. Abraão era da linhagem de Sem; as tribos que habitavam a terra no lado oeste do Rio Jordão eram da linhagem de Cão e Jafé.

Josué convocou o povo em Siquém e deu um novo enfoque à questão. A participação na proposta de Deus não era apenas questão de sangue ou genealogias. Dependia mais de uma decisão moral e uma declaração de lealdades básicas. Perante o povo, Josué traçou um perfil histórico do povo de Deus (Js 24.1-13). Quem teria parte nesta história da atuação de Deus nos eventos humanos? Só os circuncidados? Só os portadores de certificados de nascimento em que Abraão figurasse na árvore genealógica? Em absoluto! Josué colocou a ênfase numa decisão moral.

Para participar na aliança, era necessário eliminar todos os vestígios de adoração a outros deuses, servir ao Deus verdadeiro em fidelidade e integridade e reconhecer os poderosos feitos do Senhor com a mesma fé que Abraão os aceitou (Js 24.13, 17, 23-24). Para alguns Josué dizia: "Vocês estão na linhagem de descendência direta de Abraão. Têm o sinal concreto da circuncisão. Deus os convoca para entrar em aliança com Ele. Vocês não têm sua participação garantida automaticamente; é preciso dedicar-se ao seu louvor e ao seu serviço com absoluta fidelidade e integridade." Para outros Josué dizia: "Sua linhagem talvez não seja tão diretamente ligada a Abraão, mas ainda Deus os convida para participar. Não é pelo relacionamento sanguíneo, mas pela decisão de servir a este Deus que você pode participar. Deixem de lado suas práticas e costumes pagãos para servir ao Deus verdadeiro. Assim participarão da aliança."

Ninguém pode alterar sua genealogia, mas todos podem mudar suas decisões. Neste sentido, qualquer um pode se tornar "filho de Abraão" tomando a decisão, pela fé, de aceitar as promessas de Deus e entrar em aliança conforme Sua graça. Paulo retoma esse tema nas suas epístolas. Com todas as credenciais externas de um verdadeiro israelita, Paulo não adotou uma posição de orgulho e exclusivismo ou de vaidade. Ele afirmou que todos são descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa. (Ver Gl 3.23-29; Gl 5.6; I Co 7.19; Rm 2.25-29.)

Para reflexão em grupo

1. A sua congregação local sente que entrou em aliança com Deus? Qual a parte que Deus promete e qual a parte que a congregação aceita dentro desta aliança? Aliança ou promessa tem a ver com a Missão a que Deus nos chama?
2. Em algumas traduções Js 24.19 fala de um Deus zeloso e em alguns casos a frase se traduz por um Deus ciumento, no sentido de não tolerar, de maneira alguma, outros deuses para dividir as lealdades. Comentar isto à luz do mandamento em Ex 20.5 e Dt 5.9.



O Reino Proposto e o Reino Estabelecido

Texto Bíblico Fundamental: II Samuel 7.1-17

Deus quer realizar seus propósitos

Nos seis estudos anteriores, vimos que Deus tomou diversas providências para realizar seus propósitos. No início, a criação revela o sonho de Deus de ter perfeita harmonia e completa paz entre tudo e todos. Todavia, a resposta humana foi NÃO e o pecado quebrou este equilíbrio. Contudo, Deus não abandonou o pecador. Iniciou um plano de redenção através da aliança com Noé e Abraão em benefício de todos. O Senhor permaneceu fiel a esta aliança e ouviu o clamor do seu povo sofrido. Levantou Moisés para libertar o povo. Dirigiu este povo no seu grande êxodo renovando a aliança na forma da lei. Josué chamou novamente o povo a ser fiel ao Deus verdadeiro renovando a aliança. Neste último estudo do capítulo, enfocamos outra experiência de aliança com Deus, agora sob a forma de reinado. O povo israelita pensou que a monarquia fosse o melhor instrumento para a realização dos propósitos de Deus.

Um rei ideal

Para os israelitas, o rei ideal deveria ser forte, para defender a nação contra os inimigos, forjar uma unidade nacional e fortalecer a vida religiosa e cultural; sobretudo, ser alguém dedicado a Deus. Com um rei forte assim, a nação poderia crescer e cumprir a missão de fé e testemunho entre os povos da terra.

Na história do povo israelita, o rei Davi foi quem mais se aproximou deste ideal. Não que ele fosse perfeito. Seu pecado com Bate-Seba é um exemplo claro da sua fragilidade perante a tentação de abusar do poder para gratificar desejos pessoais (Ver II Sm 11). Contudo, ele

aceitou a repreensão do profeta Natã e humilhou-se perante o Senhor em arrependimento. Com todas as suas falhas e imperfeições, Davi procurou ser fiel à aliança e liderou seu povo nesta direção. No texto II Samuel 7.1-29 temos este elevado conceito do reinado como um instrumento nas mãos de Deus para a realização da missão.

A triste realidade da monarquia

Nem todos os reis foram ideais e nem sempre o reinado serviu aos propósitos de Deus. O reinado, como sistema de governo, tem possibilidades de ser uma instituição abençoada por Deus e um instrumento nas suas mãos para o bem. Ao mesmo tempo, existe o perigo do poder cair nas mãos de ambiciosos e egoístas. Infelizmente, isto aconteceu. O rei Salomão é exemplo disso. O luxo do palácio colocou um peso insuportável sobre o povo. O resultado foi a insatisfação do povo, a rebelião e a divisão do reino.

O sonho se transformou em pesadelo. A monarquia, que deveria servir aos propósitos de Deus, passou a servir aos interesses pessoais. (Estas referências nos farão compreender esta triste realidade: I Rs 10.14-29; II Cr 1.14-17; II Cr 9.13-28; I Rs 12.1-15; I Rs 9.15; I Rs 4.7-28)

O papel dos profetas

Profetas e reis surgiram mais ou menos na mesma época da história dos israelitas. Parece que era necessário para manter um equilíbrio entre o poder e a responsabilidade perante Deus.

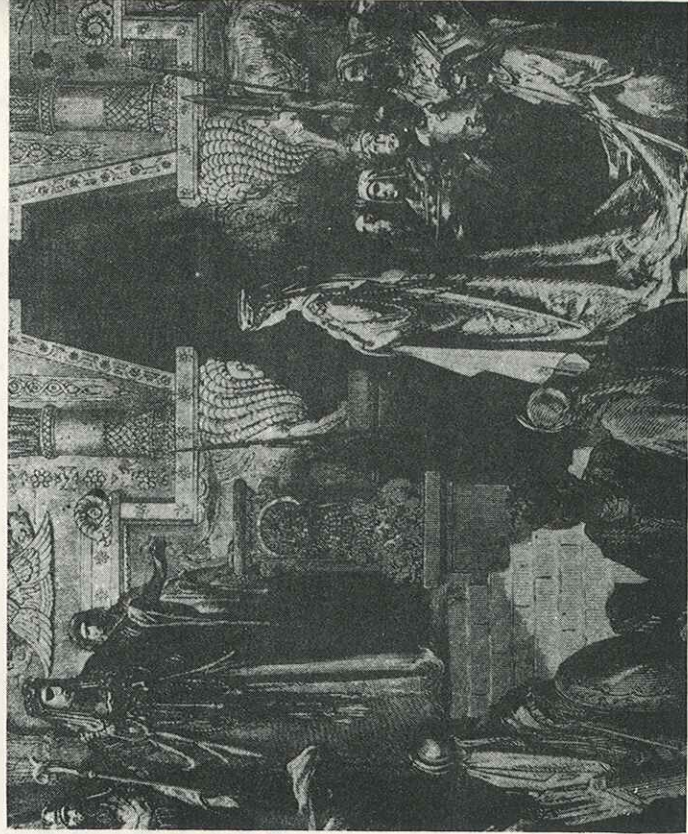
Vozes proféticas existiram para repreender o rei quando necessário. Havendo abuso do poder, o profeta estava presente para lembrar ao rei sua responsabilidade perante o povo e perante Deus. A voz profética sempre chamava atenção do povo para os propósitos de Deus e para sua aliança com seus fiéis. O profeta dava os padrões para a escolha do rei e para o exercício do poder. O rei não deveria ser pessoa estranha, mas "um irmão", não deveria acumular grandes riquezas e muitas concubinas, como nas outras nações. Sobretudo, o rei deveria aprender a temer ao Senhor (Dt 17.14-20).

Em I Samuel 8 o profeta expõe claramente os perigos de colocar uma pessoa no poder onde as tentações são enormes para utilizar esta oportunidade para fins financeiros.

Todavia, o Senhor finalmente instruiu Samuel a proceder com a escolha de um rei para atender o clamor do povo (I Sm 8.22).

Para reflexão em grupo

1. Os israelitas esperavam que a monarquia fosse um instrumento para a realização dos propósitos de Deus, mas a realidade foi diferente. Interesses pessoais e abusos do poder, às vezes, interferiram com os planos de Deus. Vocês lembram de exemplos de expectativas para planos, governos ou instituições que não se realizaram?
2. Comentar estas afirmações. Com quais vocês concordam? Têm reservas e restrições sobre quais?
 - a) A melhor forma de governo é a monarquia porque é bíblica.
 - b) Deus utilizou reis no seu trabalho conforme a disposição e a dedicação do soberano, mas nem por isso estabelece a monarquia como a única forma de governo.
 - c) Deus abençoa algumas formas de governo e condena outras. Cabe ao povo descobrir a preferência de Deus e adotar tal forma de governo.
 - d) Deus realiza seus propósitos dentro, fora, além e apesar de formas de governo. Cabe ao povo procurar, com fidelidade e integridade, a vontade de Deus para sua vida pessoal e comunitária.



Capítulo II

Os Profetas

Os Profetas Denunciam Abusos e Injustiças

Texto Bíblico Fundamental: Isaías 5.1-7

Palavras suaves - Mensagem dura

O profeta Isaías tinha uma mensagem dura para entregar ao povo. Sentiu-se chamado por Deus a denunciar injustiças sociais, desvios da aliança, perversão da vida religiosa do povo, depravação moral e a ganância dos ricos. Observem como o profeta fez suas denúncias. Utilizou a forma literária de uma parábola e uma canção (Isaías 5.1-7).

Imaginemos uma multidão congregada na ocasião de uma festa de colheita. Vários cantores e poetas cantam a abundância da colheita e a alegria de poder colher o que o bom Deus lhes mandou. Era comum um cantor após o outro, apresentar suas composições ao povo. De repente um cantor chama a atenção de todos com as palavras iniciais de sua canção. Informa a todos que quer cantar ao seu bem-amado e que o assunto será a vinha (v. 1).

A multidão se interessa, volta sua atenção ao cantor esperando ouvir uma expressão de louvor e gratidão em torno da colheita. Porém, a mensagem é diferente. Apesar do trabalho e do carinho na preparação para a colheita, a vinha decepcionou (v. 2). Os ouvintes são os juizes sobre o caso. São convidados a pensar e tirar suas próprias conclusões (vv. 3-4). Finalmente, o cantor faz sua denúncia sobre Israel e Judá, este povo que Deus trabalhou com tanto amor e carinho.

A despeito deste preparo, o povo decepcionou.

Como poeta apresentou um jogo de palavras impossível de ser traduzido: Deus esperava *mishpat* mas no lugar houve *mispah*; Ele queria *cedhaqah* mas no lugar houve *çe'alah*. Deus esperava justiça mas ao invés de justiça houve derramamento de sangue (ou quebrantamento da lei); Deus queria retidão, mas no lugar veio o clamor - o choro (vv. 5,6,7).

Com estas palavras suaves e poéticas, Isaías deixou sua mensagem profética para o povo. Esta canção trouxe uma denúncia séria contra o povo. Deus cultivou este povo com todo o carinho e com muito amor. Os israelitas, por sua vez, não corresponderam. Isaías denunciou a negligência do povo e sua insensibilidade perante o trabalho que Deus queria fazer por seu intermédio. Essa pequena parábola tem eco nos ensinamentos de Jesus em Marcos 11.12-14. O Mestre aproximou-se de uma figueira esperando encontrar nela fruto, mas havia apenas folhas. O ouvinte da parábola pode tirar suas próprias conclusões. Fica a denúncia pesada. O Senhor esperava algo e o povo não correspondeu.

Os profetas denunciavam em nome de Deus

É muito fácil criticar. Algumas pessoas se tornam conhecidas por serem "do contra". Vivem falando mal de tudo e de todos. Fazem muitas denúncias.

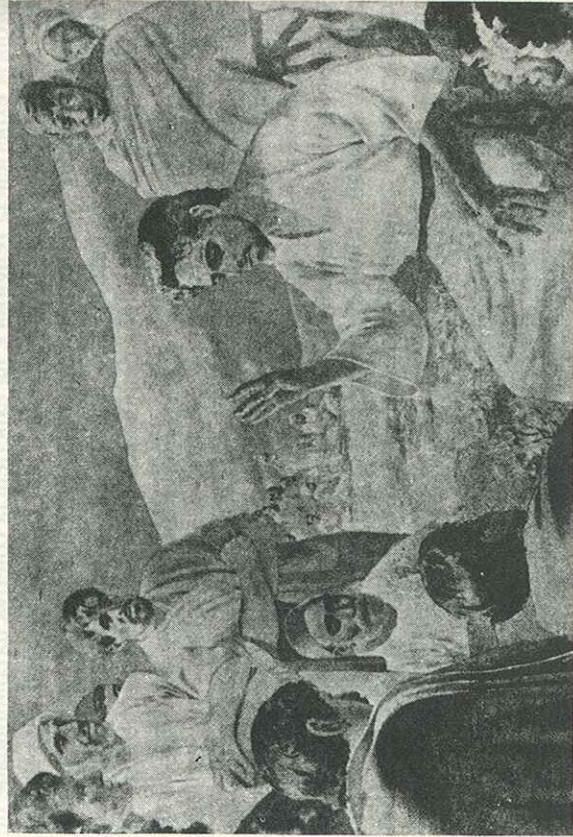
Tais pessoas são profetas? NÃO! Um profeta é alguém que fala em nome de Deus. É mensageiro de Deus e não um mero comentarista dando palpites pessoais sobre os acontecimentos. Os profetas da Bíblia falavam não por si, mas por Deus. Eles faziam parte da comunidade de fé e compreendiam bem as ações de Deus no meio do povo.

Seus discernimentos sobre Deus tinham uma base sólida na sua própria experiência religiosa e na experiência coletiva da comunidade de fé. Os profetas nunca pronunciavam sua opinião pessoal para depois procurar validar esta opinião com a autoridade do nome de Deus. Não faziam denúncias na base do "eu detesto isto, e vou buscar a autoridade de Deus para reforçar minha denúncia." O processo era o contrário. Os profetas tinham uma vivência real e significativa com Deus. Na comunidade de fé, na leitura das Escrituras e dentro das leis de Deus, os profetas discerniam verdades divinas sobre a natureza do Senhor e seus propósitos. Tomavam conhecimento dos maravilhosos feitos do Todo-Poderoso. Tornavam-se sensíveis aos propósitos do Reino e da aliança. Tinham idéias claras sobre o tipo de mundo que Deus queria - um mundo de paz, justiça, amor e retidão. Quando percebiam injustiças e abusos, os profetas denunciavam estas interferências no plano divino. Não era palpite pessoal, mas uma mensagem de Deus com base nos seus propósitos e com fundamento na experiência da comunidade de fé.

O profeta era apenas um instrumento para transmitir a mensagem do Senhor. Em nome de Deus os profetas denunciavam abusos de poder em favor de interesses pessoais contrários à sua vontade.

Nas citações abaixo o que o profeta denuncia e que importância teria essa mesma denúncia nos dias de hoje?

1. Isaías 5.8-10
2. Isaías 5.11-12
3. Isaías 5.18-23
4. Ezequiel 21.25-32
5. Ezequiel 22.1-18
6. Amós 8.4-14
7. Miquéias 2.1-5
8. Amós 2.6-8
9. Isaías 58.3-7
10. Oséias 4.1-3
11. Em João 2.13-16 Jesus faz uma denúncia séria e toma uma atitude severa em torno da mesma. Neste momento Jesus defendia um princípio ou uma posição pessoal? Como este exemplo pode nos ajudar a estabelecer um critério para denúncias proféticas diferenciando-as de críticas pessoais?
12. E hoje... Se vocês fossem profetas, o que denunciariam? Como fariam esta denúncia? Há lugar para profetas hoje? Justifiquem suas respostas.



Os Profetas Falam da Destruição e do Juízo

Texto Bíblico Fundamental: Salmo 82.1-8

Salmo 82: A imagem de um Deus que é Juiz Supremo

O Senhor está no meio para estabelecer julgamento (v.1). Ao redor, é possível observar julgamentos parciais, injustos e falhos.

Os fracos e os necessitados nem sempre são amparados pela chamada justiça humana (vv. 2,3 e 4).

Juízes humanos são falhos e suas decisões nem sempre são revestidas de sabedoria e, por isso, não há segurança nem firmeza. Estas falhas mexem com os próprios fundamentos da sociedade provocando incerteza e vacilação (v. 5).

Seres humanos ocupam lugar importante na criação, mas não são iguais a Deus. Morrerão em seu tempo por mais recursos que tenham para manterem a vida (v. 6-7).

Só Deus tem autoridade, sabedoria e poder para julgar a terra (v. 8).

Destruição e julgamento: fatores presentes na experiência dos israelitas

Na história dos israelitas, dois eventos se destacam. O êxodo e o exílio. No êxodo, o povo experimentou a realidade da libertação. No meio da opressão, Deus agiu poderosamente para livrar os seus das mãos do opressor. O exílio foi uma experiência bem diferente. Nesta situação o povo experimentou o resultado do seu pecado em tentar manipular as bênçãos de Deus e de virar as costas para a aliança. No êxodo, a graça de Deus se mostrou através da libertação. No exílio, a graça de Deus tomou

a forma de julgamento, consequência natural da desobediência e desrespeito à aliança. Os profetas pronunciaram a palavra difícil de destruição como julgamento de Deus. O Senhor julga todos os povos. Nem seu povo escolhido está isento. Não existe imunidade especial. Quando os eleitos quebraram a aliança, tornaram-se insensíveis às leis de Deus e os profetas entraram em ação. Pronunciaram palavra de julgamento em nome de Deus mesmo quando esta mensagem lhes custou a popularidade e até a própria vida. Corajosamente Daniel anunciou o fim da vida e do reinado do rei Belsazar (Dn 5.17-31). Jeremias arrumou muitos inimigos mas anunciou a mensagem de destruição e julgamento (Jr 17.12-18 e 20.7-8).

Sofonias falou do dia da ira do Senhor (Sf 1.17-18). A destruição e sofrimento faziam parte da experiência do povo e os profetas não tinham medo de identificar parte disso como sendo consequência do pecado e o julgamento de Deus sobre o povo (ver Isaías 42.18-25). Alguns raciocinavam assim: "Sendo o povo escolhido de Deus teremos a proteção divina e bênçãos especiais. Temos a promessa de Deus e seremos os mais felizes e os mais prósperos dos povos da terra". A experiência foi outra. Os israelitas esqueceram da aliança com Deus e foram infiéis. Não serviram ao Deus verdadeiro dentro da exclusividade e dedicação completa que a aliança exigia. O resultado foi desastroso. O julgamento de Deus caiu sobre a nação infiel. O exílio foi uma experiência marcante na vida do povo israelita. Não era simplesmente distanciamento geográfico; no exílio havia um sentido de perda de tudo: o templo, a cidade santa de Jerusalém, a vida cultural, sua identidade como nação, a esperança de ser povo abençoado por Deus para abençoar muitas nações e o direito de governar-se a si mesmo e planejar seu próprio destino. A destruição era completa. Era um dramático sinal do juízo de Deus e alguns dos profetas tinham a coragem de pronunciar esta palavra dura mas necessária.

O juízo de Deus: um desafio à fé

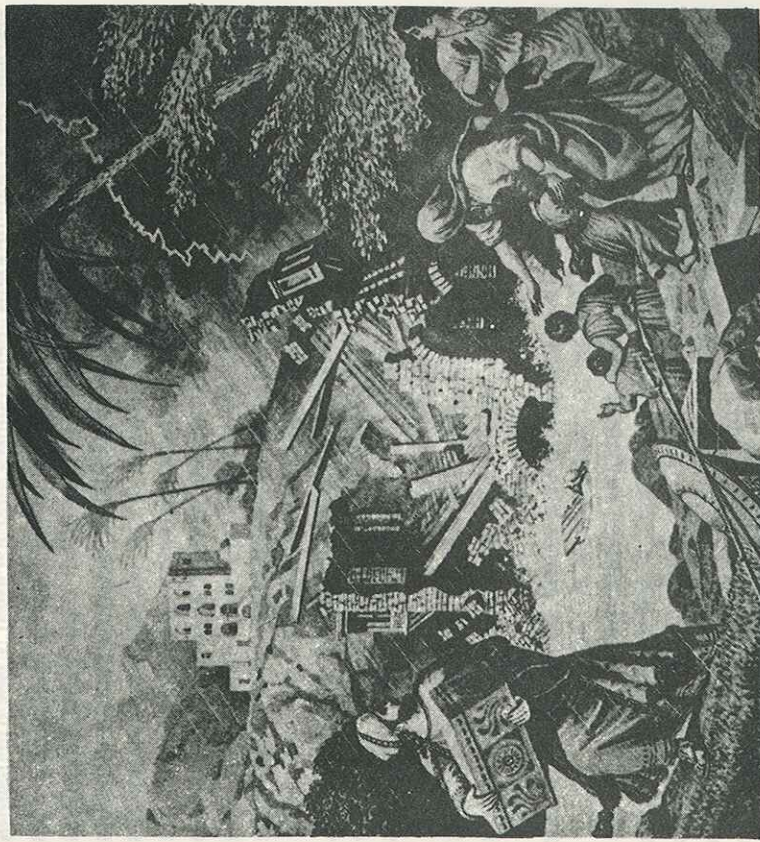
Não é agradável pensar na terrível verdade sobre o julgamento de Deus. Contudo, é uma realidade da qual não se escapa. A destruição e o juízo eram parte integrante da experiência dos israelitas e também fazem parte da vida de cada um hoje. Todavia, é preciso lembrar que o julgamento de Deus não é fator completamente negativo. Esta realidade existe mas não com a finalidade de nos atemorizar. É um fator para evocar e aumentar nossa fé.

As Escrituras apresentam a constante realidade do julgamento de Deus não para chamar nossa atenção a um castigo que um deus vingativo se apressa em aplicar sobre nós; pelo contrário, é para nos desafiar a tomar

uma decisão de fé em obediência a um Deus rico em perdoar e misericordioso em todos os seus juízos.

Para reflexão em grupo

1. Que imagens vêm à mente quando se fala da destruição de uma nação?
2. Trocar idéias sobre uma situação do seu conhecimento onde, após um erro, ocorreu uma destruição. (Erro humano que provocou acidente ou desastre resultando na perda de vidas etc...)
3. Examinar Amós 5.1-20. Que lamentos se encontram aqui? Que cenas de juízos ou destruição? Quais as causas desta destruição?
4. Examinar Lamentações 1 e 2. Escolher algumas palavras-chave que descrevem situações de destruição, tristeza ou desolação. Quais as causas disso?



Os Profetas Anunciam o Novo Reino

Texto Bíblico Fundamental: Ezequiel 43.1-9

A velha ordem - O novo reino

Enquanto os israelitas estavam prosperando era mais fácil reconhecer a mão de Deus abençoando a vida nacional. Com o majestoso templo construído em Jerusalém era mais fácil lembrar que Deus e seus propósitos estavam no centro da vida do povo. Com todas as organizações e estruturas externas a religião funcionando era mais fácil lembrar das leis do Senhor e das exigências da aliança. Mas o Exílio mudou tudo. Os opressores levaram grande parte dos israelitas cativos para a Babilônia. Na experiência do Exílio, os israelitas tinham de enfrentar a perda de tudo: o templo, a cidade de Jerusalém, os costumes e rituais em torno da sua fé, suas cidades, casas, plantações, terras, autonomia como nação e sua identidade como povo. Para muitos, isto era demais. Abandonaram a fé.

Ao ver desmoronar todas as estruturas e organizações religiosas, muitos caíram na descrença. Uns sentiam culpa por saber que a nação passava por isso por terem quebrado a aliança com Deus. Todos os sinais da velha ordem levavam as pessoas ao desespero.

No meio desta situação caótica da velha ordem, os profetas anunciaram um novo reino. No ambiente de desespero se ouviu a voz da esperança.

No meio da derrota proclamou-se a vitória, do Exílio saiu a voz profética.

Deus não abandonou seu povo. Não perdeu seu poder. Da experiência do Exílio nasceria uma nova aliança com raízes ainda mais profundas no coração do povo (Jr 31.31-40). O louvor seria mais sincero e não tão dependente dos símbolos externos - seria um louvor para realmente honrar o nome do Senhor (Ez 43.1-9). O povo teria espírito e

coração novos. Ossos secos ganhariam nova vida e águas purificadoras teriam a capacidade de abençoar todo ser vivente e até tornar o Mar Morto em lugar saudável (Ez 36.24-30, Ez 37.1-14 e Ez 47.1-12). O Senhor colocou nos corações dos profetas esta realidade de um novo reino no qual Deus estaria em perpétua aliança com seu povo e onde a justiça e a salvação do Senhor durariam para sempre (Ez 37.21-28 e Is 51.4-8).

Lições do Exílio

a) O que é fundamental?

O Exílio obrigou os israelitas a examinarem de novo esta questão. O templo foi destruído. Esta construção majestosa era fundamental para a fé do povo? Poderia ser reconstruído?

Símbolos externos podem cair sem destruir ou enfraquecer a fé. O povo israelita aprendeu que nem tudo desmoronou com a perda do templo e os símbolos externos da fé. Deus ainda chamava o povo para uma vida de fé e obediência à aliança. Ruíram-se os muros de Jerusalém, as paredes e altares do templo, mas o essencial ficou. A fé não desmoronou. Com esta fé era possível continuar em aliança com Deus, e, com tempo e sacrifício, seria possível reconstruir até os símbolos externos da fé. Esta lição é preciosa hoje para aqueles que são apegados demais a uma organização eclesástica ou às estruturas humanas da religião organizada.

b) Temos estrutura para suportar as dificuldades?

O Exílio ameaçou a vida nacional e religiosa do povo israelita. Nesta situação difícil era necessário procurar forças internas, espirituais, para sobreviver. Os profetas reconheceram a seriedade da situação ao seu redor, mas ao mesmo tempo afirmaram que a fé seria o instrumento para sustentar o povo em tempos como estes (Hc 2.1-5). Sem dúvida, em momentos de grande dificuldade, a fé fornece as estruturas para uma vida vitoriosa. Com esta fé o crente vence.

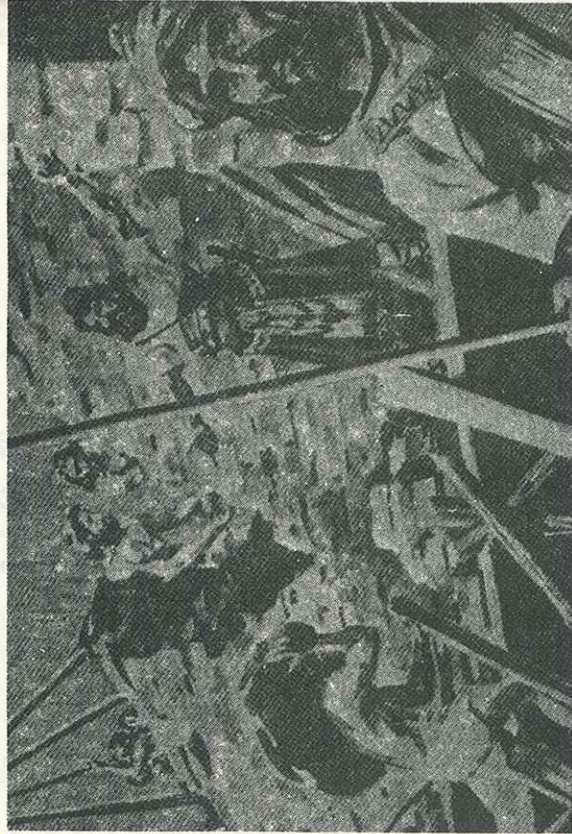
c) Há esperança?

Circunstâncias externas indicavam que não. O Exílio, à primeira vista, parecia ser a expressão final de derrota e desespero. Não restava mais nada para o povo de Deus. Contudo, dentro desta calamidade, os profetas anunciaram um novo reino. A pergunta se transformou em exclamação e os profetas afirmaram: "Há esperança!" Com todos os sinais de derrota e desespero ao seu redor, Habacuque proclamou sua esperança em Deus

(Hc 3.17-18). Isaías proclamou um novo dia em que o Eterno Deus que não se cansa nem se fatiga renovará as forças de todos (Is 40.27-31). Este novo reino proclamado se caracteriza pela paz e alegria espontânea (Is 55.12-13 e Is 2.4). Hoje há gente sentindo culpa, andando sem rumo, desesperada, derrotada e sem estruturas para agüentar tudo que acontece ao seu redor. Parece que tudo desmoronou, como nos dias do Exílio. A estas pessoas os profetas proclamam a mensagem de esperança. Deus agiu no passado com poderosa mão em benefício dos fiéis. Agirá no futuro para nos abençoar. Com esta fé, temos a força para viver hoje cantando a canção do Senhor em terra estranha com a mesma fé que sustentou Jeremias, Isaías, Ezequiel e Habacuque e todos os israelitas que passaram pela experiência amarga do Exílio.

Para reflexão em grupo

1. Existem povos hoje exilados de sua própria terra? Qual o motivo deste exílio? Alguém está ministrando a estes povos exilados?
2. Existem pessoas hoje que se sentem derrotadas e desesperadas sem serem exiladas de sua pátria? Como ministrar a estas pessoas? Que palavra de esperança pode-se dirigir a tais pessoas? Alguém está anunciando esta palavra de esperança?



Eis o Servo do Senhor

Texto Bíblico Fundamental: Isaías 42.1-9

Um perfil (Isaías 42.1-9)

O texto fundamental nos dá um perfil de um povo ou de uma pessoa que se dedica à missão de Deus.

(v. 1) É um servo e não alguém interessado em autopromoção ou no uso do poder para interesses pessoais.

É alguém escolhido por Deus para proclamar e fazer a justiça de Deus. É alguém ungido por Deus pelo Espírito para esta tarefa. Uma idéia comum entre os israelitas era a de que o povo escolhido teria um lugar superior e privilegiado entre as nações para fazer o que bem entendesse. Seria um **senhor** entre as nações. O profeta traz um perfil completamente diferente - um **servo**, ungido do Espírito agradando ao Senhor por ser um mensageiro da justiça de Deus. Por isso, a Igreja Cristã vê em Jesus Cristo o cumprimento perfeito deste perfil (ver Marcos 1.11 e Mateus 17.5).

(vv. 2-3) O servo trabalha em silêncio, sem alarde. Não usa o método da força nem da coerção. Trabalha com a verdade, confiante de que ela vencerá por si mesma.

(v. 4) O servo é confiante e persistente pois sabe que o direito (a justiça de Deus) triunfará no fim.

(vv. 5-9) Deus chama os seus para fazer a Sua justiça. Ampara e capacita os seus e entra em aliança com eles. A tarefa é ministrar às necessidades humanas, libertar o povo para a honra e glória do Senhor. O profeta retoma este mesmo tema da libertação em Isaías 61.1-2 e estas são

as palavras que Jesus citou na sinagoga de Nazaré para anunciar seu ministério terreno (ver Lc 4.16-19).

A vocação de Israel

Os profetas foram chamados por Deus para ajudar o povo a compreender a riqueza da sua vocação. Deus chamou este povo e prometeu grandes bênçãos à descendência de Abraão. A tentação humana era de considerar esta herança espiritual em termos de privilégio. Era fácil interpretar termos tais como "raça eleita", "povo escolhido" e "nação abençoada" como provas da superioridade dos israelitas sobre as demais nações. Nesta linha de raciocínio, o povo israelita seria o senhor das nações. Isaías, sob inspiração divina, trouxe uma voz profética em oposição a esta idéia. A vocação de Israel é a de servo do Senhor. Este povo é chamado a servir ao Senhor e a todas as nações. Ser fiel à aliança não significa dominar outras nações, significa anunciar-lhes a justiça e a redenção de Deus. O Servo do Senhor é um instrumento nas mãos de Deus para a realização desta obra de redenção.

O estilo de vida do servo

O Servo do Senhor não cuida dos seus interesses pessoais e nem os de um pequeno grupo de elite no poder. Vive para servir ao Senhor e aos povos em nome deste Senhor. O Servo do Senhor está disposto a trabalhar em benefício do povo, sacrificar e sofrer em seu favor. Um segmento da população interpretava o papel de Israel em termos de uma monarquia luxuosa com sinais externos de riqueza e de poder temporal. O reinado de Salomão foi exemplo disso. Isaías levantou sua voz profética apontando um caminho bem diferente. O povo de Deus foi chamado a desempenhar o papel de servo perante as nações (Is 49.1-7 e 42.1-9). Pode ser insultado e ultrajado mas continua fiel na sua missão (Is 50.4-11). Este sacrifício e sofrimento que o Servo do Senhor aceita como parte da sua missão tem valor redentor e é um veículo dentro do qual a graça de Deus chega até as pessoas (Is 53.1-12). Muitos israelitas preferiram um estilo de vida de mais conforto, luxo e privilégio e tentaram apoiar o retrato de Israel como povo escolhido de Deus que deveria promover um reino de poder e riqueza exemplificado pelo reinado de Salomão. Todavia, Isaías lembrou que um retrato mais fiel do povo escolhido seria o de um Servo nas mãos do Senhor para proclamar Sua justiça e Seu amor a todos. No tempo de Jesus, alguns esperavam um Messias que chegasse para derrubar Roma e restabelecer

o trono de Davi colocando os judeus em lugares de privilégio e poder no cenário político.

Contudo, Jesus deixou bem clara a sua opção. Seu ministério público aqui na terra tomaria como modelo a figura do Servo do Senhor que Isaías proclamou.

Sua vida era um exemplo de um servo, disposto a viver, lutar e morrer em benefício dos outros. Seus discípulos e seguidores não seriam chamados para ocupar cargos de poder temporal para mandar nos outros, mas seriam chamados para prestar serviço em nome de Deus a todos (ver Mc 10.35-45 e Lc 22.24-30).

Para reflexão em grupo

1. Analisar nossa organização eclesástica hoje. O que está em mais evidência - pessoas se oferecendo para serem "SERVAS" ou pessoas procurando lugares de poder e influência?
2. Faça uma comparação das características do servo (Is 42.1-4) com a ação de sua igreja hoje.
3. Hoje em dia precisamos de "SERVOS"? Muitos querem ser SERVOS ou poucos aceitam esta missão?



A Plenitude do Reino: o Amor

Texto Bíblico Fundamental: Mateus 5.17-20

O que significa a plenitude do reino?

Judeus zelosos achavam que a justiça de Deus seria realizada na sua plenitude através do cumprimento completo e absoluto da lei em todos os seus detalhes. Sonhavam com o dia em que todos viveriam em completa obediência à lei. Jesus também falou do cumprimento da lei em sua plenitude e disse que convinha cumprir toda a justiça (Mt 3.15). Ele deixou bem claro que não tinha vindo ao mundo para destruir ou revogar a lei, mas para cumpri-la em toda a sua plenitude.

Qual a diferença entre a posição dos judeus zelosos e a de Jesus? À primeira vista parece que ambas as partes desejavam a mesma coisa: o cumprimento da lei. Contudo, existe uma diferença fundamental. Os judeus queriam conseguir o cumprimento da lei através de decretos, regulamentações e medidas de controle legalista. Jesus proclamou a lei do amor como o grande mandamento (Mt 22.34-40). Os primeiros cristãos identificaram o amor como sendo o fundamento de tudo (I Co 13.1-13 e Rm 13.8-10). Aprenderam de Jesus que o verdadeiro participante do reino é aquele que demonstra amor para com os pequeninos em nome de Jesus (Mt 25.34-40).

A lei do amor ou o amor à lei

Os judeus se tornaram legalistas e começaram a amar a lei sobre todas as coisas. Os rituais, as cerimônias e os atos externos da religião tomaram precedência sobre o amor, os valores humanos e a própria vontade de Deus. Jesus confrontou estas atitudes legalistas. Ele afirmou que tais práticas não eram o cumprimento da lei, mas sim um desvio da

Capítulo III

Jesus retoma o tema do Reino

verdadeira lei de Deus. Jesus veio para anunciar o novo reino do amor onde se pode observar o cumprimento da lei em toda a sua plenitude. Vejamos alguns exemplos:

Homicídio (Mt 5.21-26). Jesus não regovou esta lei. Não pregou que qualquer um poderia sair matando o outro à vontade, mas levantou a pergunta mais profunda: "Quem quebra esta lei?" Só aquele que aponta uma arma ao outro e acerta? Se a bala só ferir a vítima sem matar? Se o atirador errar o alvo? Ninguém morreu, mas o ódio e o intento estavam presentes. Jesus afirma que a atitude de ódio é uma afronta à lei. Por outro lado, a postura de alguns grupos sociais, que pela sua ambição e ganância levavam outros à pobreza e ao sofrimento e morte, também era condenada por Jesus e pelos profetas, como um tipo de homicídio. Para cumprir a lei "Não matarás" em toda a sua plenitude, o ser humano precisa aprender a amar e viver em paz e harmonia com seu semelhante.

Adultério (Mt 5.27-32). Quem quebra esta lei? Os legalistas só consideravam culpadas aquelas mulheres apanhadas em flagrante. Por conveniência, não condenavam os homens envolvidos.

Jesus trouxe uma nova dimensão a esta lei. A intenção impura, o motivo pecaminoso e a atitude imoral, tornam a pessoa culpada. Amar ao próximo, respeitar todas as pessoas e ter pureza de pensamentos e ações, são atitudes que estão presentes no cumprimento desta lei.

Juramentos (Mt 5.33-37). O antigos legislavam em torno do ato público perante um tribunal. Jesus definiu o problema em termos de uma atitude séria em torno das palavras proferidas, recomendando objetividade, integridade em tudo, dispensando os efeitos e decorações de juramentos e manifestações externas.

Vingança (Mateus 5.38-42). Os legalistas queriam levar a vingança até o limite permitido pela lei. Jesus declarou que no reino do amor não se fala em vingança ou acerto de contas. Na plenitude do reino desaparece a vingança e nasce o amor humilde, paciente, perdoador e redentor.

Esmolas (Mt 6.2-4). Os legalistas tinham regulamentos e leis a respeito das ofertas e esmolas. Alguns faziam questão de cumprir essas leis fazendo grande publicidade do fato. Novamente Jesus enfatizou o espírito e a atitude. Uma oferta dada em amor cumpre a lei. Outras, independentes da quantia, não estão dentro da lei.

Oração (Mt 6.5-8). Os legalistas tentaram regulamentar os períodos de oração bem como sua natureza. Jesus enfatizou a atitude que deve caracterizar a pessoa que procura Deus em oração. Leis e normas em torno do assunto produzem várias repetições. Quem deseja cumprir a lei em toda a sua plenitude buscará o Pai em completa sinceridade e em amor.

Jejum (Mt 6.16-17). Os legalistas tentaram estabelecer regras em torno deste assunto e forçaram a obediência a essas normas pensando, assim, colaborar com a plenitude do reino. Jesus colocou o assunto novamente na esfera das atitudes internas e mostrou que só dentro deste espírito é possível cumprir a lei.

A justiça dos escribas e fariseus e a do reino

Os escribas e os fariseus se esforçavam muito para fazer a justiça. Dedicavam suas vidas ao estudo da lei e às práticas em torno do cumprimento da lei. Pensavam que a plenitude do reino se daria na obediência estreita e incondicional à lei. Julgavam que seu modo de viver fosse agradável a Deus. Jesus pensava diferente. A despeito do grande esforço dos escribas e dos fariseus em torno do cumprimento da lei, Jesus não aceitou sua ação como sendo coerente com o reino. O Mestre foi claro. "Se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus." Se tomarmos como base a afirmação do fariseu na parábola, o nível de participação em atos religiosos era bem alto: ele dava o dízimo de tudo que ganhava, jejuava duas vezes por semana e, sem dúvida, participava de muitos rituais e cerimônias de natureza religiosa (Ver Lc 18.12). Quem faz tanto em torno da sua fé? Contudo Jesus afirmou que não seria possível entrar no reino de Deus se a nossa justiça não excedesse este nível (e muito!). Atos externos em torno de cerimônias, rituais e deveres religiosos não fazem parte da justiça do reino. Jesus anunciou um reino de amor bem diferente do legalismo presente na vida dos escribas e dos fariseus. Quem vive em amor alcança um nível de justiça bem além do dos escribas e fariseus. Esta justiça de Deus caracteriza o reino. Seu fundamento é o amor e não o legalismo.

Para reflexão em grupo

- 1) Como podemos realizar hoje a justiça do reino que propõe Jesus?
- 2) Como era a atitude dos fariseus perante a lei? Por que Jesus os condenava? Como tem sido nossa atitude hoje, perante o ensinamento de Jesus? O que podemos fazer para "exceder a justiça dos fariseus"?

Venha o Teu Reino

Texto Bíblico Fundamental: Lucas 22.39-46

O reino: Uma realidade a ser experimentada e vivida ou apenas um sonho?

O reino de Deus é um tipo de utopia espiritual, uma “Ilha da Fantasia” celestial ou é algo que deve figurar na experiência humana? Jesus falou muito do Reino de Deus. Foi o tema que ele mais abordou em sua pregação e nos seus ensinamentos no seu ministério terreno. Um exame cuidadoso revela que Jesus considerou o reino como algo viável e realista. Ele não instruiu seus seguidores a sonharem com o reino apenas; ensinou-lhes a orar assim: “Venha o teu reino”. Esta petição indica que Jesus acreditava no reino, tinha certeza da sua realização e que ele esperava a dedicação dos fiéis no sentido de colaborar com o reino já vivenciando esta realidade.

A própria vida de Jesus é prova disso. Jesus orou a favor do reino, trabalhou, lutou contra os impedimentos e obstáculos, viveu, morreu e ressuscitou pelos princípios do reino. O Mestre não somente ministrou aulas a respeito do Reino; ele viveu a realidade do reino. Talvez a “aula” mais marcante sobre o Reino não tenha ocorrido no momento em que ensinou aos seus discípulos a orarem “Venha o teu reino”. Talvez a aula mais memorável tenha sido no Getsêmane quando em agonia Jesus orou “Seja feita a tua vontade e não a minha” (Lc 22.39-46). O Reino é isto: buscar a Deus e seus propósitos antes de tudo. É viver de acordo com a vontade de Deus e aceitar sua soberania em tudo.

O que significa orar “Venha o teu reino”?

Significa que aceitamos o fato de que Deus é o Senhor dos céus e da terra.



Na qualidade de soberano Ele tem propósitos para a terra e tudo que nela há. Acreditamos que estes propósitos sejam os melhores para nós. Quem ora "Venha o teu reino" afirma sua disposição de colaborar com Deus na implantação destes propósitos aqui na terra, reconhecendo que o reinado do Senhor dos senhores é a melhor opção para nossa terra.

Significa também que esperamos em Deus a realização dos seus propósitos. Cremos que os reinos deste mundo passarão a ser o Reino do nosso Pai e Ele reinará para sempre. Quem ora "Venha o teu reino" está professando sua fé no reinado do Senhor.

E esta fé não fica de braços cruzados, esperando passivamente por um evento futuro. É uma fé ativa que participa naquilo que espera. O verbo **esperar** tem dois sentidos: aguardar a passagem do tempo (esperar numa fila, esperar um prazo de tanto tempo) e ter esperança, contar com algo, acreditar na realização.

Imaginemos duas equipes esperando um campeonato. Uma equipe simplesmente aguarda o evento sabendo que em seis meses a competição acontecerá. Jogadores, técnicos e torcida apenas esperam o tempo passar e na época certa a equipe se inscreve para a competição. A outra equipe se movimenta, os técnicos preparam sua estratégia, os jogadores se concentram em treinamento sério, todos cuidam do preparo físico e psicológico e a torcida se movimenta. Há grande esperança em torno da possibilidade da equipe participar. Há esperança de ganhar a taça. Esta equipe "espera" em esperança e em participação ativa. O cristão que ora "Venha o teu reino" espera a concretização com o mesmo espírito de entusiasmo, participação ativa e envolvimento sério. O cristão espera a concretização do Reino não com braços cruzados, mas com mangas arregaçadas, com corações cheios de expectativa e com vontade de participar de corpo e alma nos propósitos de Deus, agora e para sempre.

Para reflexão em grupo

1. Examinar novamente a experiência de Jesus na pregação na sinagoga de Nazaré (Lc 4:16-30). Jesus, o convidado especial, fez a leitura do texto. Parece que a simples leitura do texto não provocou qualquer reação. O tumulto começou quando Jesus afirmou que naquele dia se cumpriria aquela escritura. O sermão é só para ouvir e curtir ou é para ser cumprido? A leitura é só para meditar, contemplar e pensar ou deve levar a uma ação, um compromisso? Que implicações haveria para você, a Igreja ou para o país se estas escrituras se cumprissem hoje?

2. Considerar o verbo **esperar** nos dois sentidos mencionados no texto do estudo. Qual sentido é mais evidente hoje em torno do Reino? O que é mais comum: pessoas simplesmente aguardando o tempo, esperando Deus estabelecer o Reino em algum tempo futuro ou pessoas cheias de esperança, acreditando na realidade do Reino e trabalhando ativamente neste sentido de fé e esperança? Como você se posiciona no momento?

3. Trocar idéias sobre a programação da sua igreja local. Qual a tendência predominante, interpretar as atividades da igreja como um lugar de refúgio espiritual onde se medita, estuda e ouve, ou um lugar onde se apresentam desafios, onde se assumem compromissos e onde é possível trabalhar pelo Reino?



O Reino de Deus é Chegado

Texto Bíblico Fundamental: Marcos 1.14-15

Diversas traduções - uma idéia (Marcos 1.15)

"O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo" (Almeida, Revista e Atualizada).

"Chegou a hora, e o Reino de Deus está perto" (Linguagem de Hoje).

"Finalmente chegou o tempo! O Reino de Deus está próximo (O Novo Testamento Vivo).

"O tempo está realizado e o Reino de Deus está próximo" (Bíblia de Jerusalém).

"Pois que o tempo está cumprido, e se aproxima o Reino de Deus" (Mato Soares).

Estas diversas traduções nos dizem que o tempo está cumprido, realizado; os tempos alcançaram sua plenitude. Sendo assim, o Reino de Deus está próximo, realizado, concretizado; o Reino é uma realidade presente e concreta.

Os sinais do reino: Causas e efeitos

João Batista queria uma certeza sobre a missão de Jesus. Seria Jesus aquele que estava para chegar ou seria necessário esperar um outro? Jesus ofereceu uma resposta verbal direta. Pediu que os mensageiros relatassem os sinais a João. Não há muita distinção entre causa e efeito. As curas, os diversos ministérios em benefício dos necessitados, a proclamação do Evangelho aos pobres, a ressurreição dos mortos e as

curas eram sinais concretos de que o Reino de Deus era uma realidade visível no meio do povo. Por outro lado, pode-se dizer que com a chegada do Reino de Deus, estes sinais começaram a acontecer (Lucas 7. 18-23).

Alguns criticaram o ministério terreno de Jesus alegando que Ele agia pelo poder de Belzebu, o maior dos demônios. Jesus respondeu usando o argumento de que se Ele mesmo estivesse expulsando os demônios com o poder do próprio demônio, seria uma casa dividida com seus dias contados. Prosseguindo no raciocínio, declarou que se Ele estivesse expulsando estes demônios pelo poder de Deus seria um sinal de que certamente o Reino de Deus estaria se concretizando. Os sinais seriam provas da realidade do Reino. Ao mesmo tempo, a presença e a realidade do reino se fariam acompanhar por sinais como estes.

A resposta humana: o arrependimento

Jesus anunciou a chegada do Reino. Tal proclamação não pode ser recebida passivamente. Exige uma resposta humana. Qual seria a resposta mais adequada? As escrituras indicam que a resposta mais adequada é a do arrependimento. Diante da proclamação do Reino, ninguém é convidado a ficar de lado aplaudindo, apoiando e nem pedindo lugares de privilégio e cargos importantes neste Reino. A proclamação da chegada do Reino vem acompanhada da advertência e do convite/desafio: arrependei-vos. O arrependimento é a resposta adequada e necessária. O rev. Lawrence A. Brown diz no seu livro *Amor Dinâmico* o seguinte sobre o arrependimento: "Sentir tristeza por termos sido apanhados em flagrante, não é arrependimento. Ter uma imagem de um Deus *carrasco* leva ao medo, não ao verdadeiro arrependimento. Sentir-se triste por sofrer pelos erros não é arrependimento, e mesmo que se renuncie ao mal por medo do castigo, isto não é arrependimento. Quantas pessoas que se arrependeram ao pensarem que iam morrer, voltaram aos maus caminhos depois de curados (ver II Pedro 2.22)?

"O verdadeiro arrependimento, baseado no amor e na justiça de Deus, nos leva a abandonar os maus caminhos, mesmo em pleno vigor de vida e, nos casos de vícios formados, a tentar tudo para abandoná-los.

"Conscientes da justiça, do amor e da presença de Deus na vida, nós nos tornaremos cada vez mais conscientes e convictos da missão de Deus entre os homens e de sermos co-participantes desta com ele".

Recebendo o Reino (Mc 10.13-16)

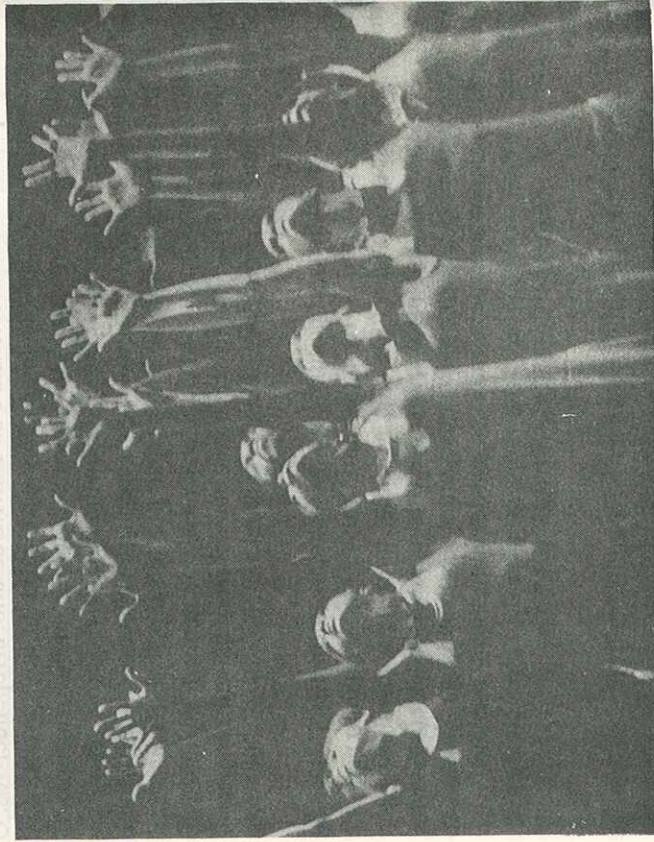
Geralmente os adultos têm mania de complicar as coisas; gostam de muitas explicações, bem fundamentadas e complexas, muitas vezes até

desnecessárias; a palavra de Jesus acerca do Reino é de que precisamos recebê-lo como uma criança. A criança é simples (não uma simplicidade ingênua), meiga, humilde, amiga, espontânea, sem malícia. Jesus as via como verdadeiros cidadãos(ãs) do Reino (v. 14).

Para alcançarmos o Reino é necessário assumir e desenvolver essas qualidades, a fim de que através delas possamos ter harmonia com Deus, com o nosso próximo e com a totalidade da criação (natureza).

Para reflexão em grupo

1. Hoje em dia verificam-se sinais do Reino? Onde? Quem está gerando estes sinais? Os fiéis estão produzindo estes sinais? Como podemos produzi-los?
2. Citar alguns sinais do Reino produzidos em sua congregação ou na vida de cada um dos(as) participantes do grupo de estudo. O que mais, além disso, poderíamos fazer?
3. Observar a ação das crianças e apontar os sinais do Reino que elas estão produzindo: Como podemos transpô-los para nossas vidas?



As Parábolas do Reino

Texto Bíblico Fundamental: Mateus 13.31-33

Como é o Reino de Deus?

A resposta não pode ser dada de forma direta e simples. Jesus usou várias parábolas para nos orientar na busca da resposta. As parábolas são usadas para ensinar e estimular a reflexão e a ação. As parábolas não trazem respostas prontas para perguntas fechadas. Elas provocam reflexões, abrem caminhos, sugerem outras perguntas e estimulam um exame mais profundo do assunto. Para orientar sobre a natureza do Reino de Deus, Jesus não apresentou respostas superficiais e simplistas. Deixou uma série de parábolas para estimular o estudo e a reflexão sobre o assunto. Ninguém vai dominar completamente o assunto e chegar ao ponto de compreender tudo sobre o Reino de Deus. Todavia, as parábolas de Jesus sugerem idéias, conceitos e verdades que são valiosos para a caminhada na direção de compreender algo mais sobre o Reino.

Algumas idéias presentes nas parábolas do Reino.

Por vezes o trabalho do Reino é feito sem alarde, sem a necessidade de manifestações externas. Coisas aparentemente pequenas podem produzir grandes resultados (Mt 13.31-33).

O preço da participação no Reino é elevado, mas vale a pena. Exige uma dedicação total, mas a compensação também é grande. A preciosidade do Reino vale muito mais que o preço exigido na forma de dedicação (Mt 13.44-46).

O convite para entrar no Reino é oferecido com amor e com a maior consideração. Contudo, é preciso honrar o convite e corresponder à bondade de Deus e aceitar, com fé, este ato gracioso. A não aceitação do

convite implica em perder a oportunidade oferecida em graça (Mt 22.1-14 e Lc 14.15-24).

Existe uma certa inclusividade no Reino: o convite é oferecido a todos. É como uma grande rede que, lançada ao mar, recolhe peixes de toda espécie. No Reino existe um nível bem elevado de tolerância. Não se exige uniformidade de costumes e nem de estilo de trabalho. É possível que pessoas que nem pertenciam ao chamado grupo de fiéis sejam consideradas colaboradoras.

Aquele que não esteja atrapalhando diretamente o trabalho pode ser considerado favorável. Jesus disse: "Quem não é contra nós, é por nós" (ver Mc 9.40). Ele falou que era preciso ser "como nós" ou "semelhante a nós" ou "pensando como nós". O nível de tolerância era bem elevado.

A inclusividade do Reino é demonstrada também pela figura de um convite que um homem importante mandou a muitos. Quando os primeiros convidados não aceitaram, a ordem foi a de ampliar o convite e incluir as multidões, criando um ambiente de inclusividade sem precedentes para uma festa desta natureza.

Todavia, junto com esta atitude de inclusividade, vem uma atitude de seletividade bem rigorosa. A rede que foi lançada ao mar colheu toda espécie de peixes. Até certo ponto vale o ditado popular "tudo que cair na rede é peixe". No entanto, mais tarde houve uma seleção. Uns serviam e outros não. E mesmo o homem que ampliou o generoso convite para incluir os que foram encontrados nas encruzilhadas e nas estradas (os maus e os bons), no decorrer da festa mandou expulsar um que não soube honrar o convite (ver Mt 13.47-50; Mc 9.38-40; Lc 14.15-33 e Mt 22.1-14). O Reino combina os aspectos de inclusividade e seletividade. É como duas estradas ou duas portas. Poucos acertam o caminho mais estreito (Mt 7.13-14 e Lc 13.24). O Reino fala de um convite bem generoso que inclui a todos (muitos são chamados), mas também fala de uma exclusividade pela própria exigência que nem todos aceitam (mas poucos escolhidos). (ver Mt 22.14).

O Reino fala de vigilância. Jesus exortou seus seguidores dizendo que era necessário permanecer em contínua prontidão. A hora de prestar contas pode ser a qualquer momento. A parábola da figueira nos lembra que precisamos discernir os sinais que indicam que o tempo está próximo, e a parábola das dez moças demonstra a prudência de se estar alerta, preparado, e a tolice da negligência ou procrastinação (Mt 24.44; Lc 13.28-37; Lc 21.29-36 e Mt 25.1-13).

No Reino, haverá uma separação, mas compete a Deus, e não ao ser humano, realizar este julgamento. Na parábola do joio e do trigo, os servos queriam adiantar o expediente e arrancar o joio que crescia em meio ao trigo. O Senhor não deixou, preferindo aguardar a ceifa, cortar tudo, para depois separar. Julgamentos humanos podem atrapalhar mais do que

ajudar. No Reino, quem julga é Deus e no seu tempo próprio, de acordo com seus próprios critérios. Parece que a parábola do joio e do trigo tem muito a ver com os ensinamentos de Jesus sobre o juízo temerário (comparar Mt 13.24-30 e Mt 7.1-5).

Quem entrará no Reino dos céus? Haverá muitas surpresas. Na linguagem popular haverá muitas "zebras". Muitos que se julgam dentro, descobrirão que estão fora do Reino, enquanto outros terão a grata surpresa de descobrir que participavam do Reino sem ter consciência disso (ver Mt 25.31-46).

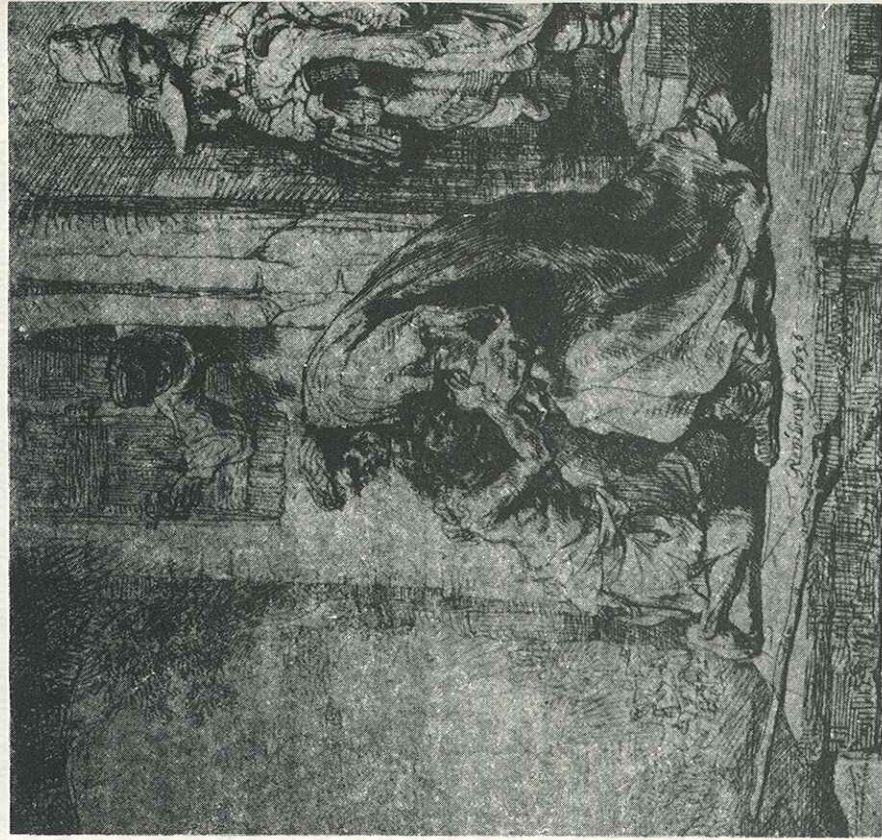
As várias parábolas e diversos ensinamentos sobre o Reino deixam bem claros estes pontos: (1) Deus é o juiz final de quem entra e quem não entra no Reino. (2) Propósitos e atitudes concretas pesam mais do que aparências externas.

O samaritano que mostrou amor para com seu semelhante participou do Reino, enquanto um sacerdote e um levita (pertencentes ao chamado povo escolhido) perderam de vista a natureza daquilo que Jesus veio proclamar e realizar (ver Lc 10.25-37). Um malfetor se arrependeu e, na última hora da sua vida, aceitou a graça de Deus. O outro, não (Lc 23.39-42). Na parábola do filho pródigo, o currículo do filho mais velho parece ser mais "limpo" e mais digno de atenção do que o do filho mais moço. Contudo, quem entrou no Reino foi o filho mais moço, enquanto o mais velho, pela dureza do seu coração, não pôde receber o que o pai ofereceu. O filho pródigo recebeu pela fé e mediante um verdadeiro arrependimento. O filho mais velho perdeu por falta desta fé e do espírito de receber a dávida bondosa do pai. Jesus falou de surpresas a respeito dos participantes do Reino.

Entre aqueles que ocupam lugares de destaque na organização eclesial, alguns ficarão escandalizados. Descobrirão que meretrizes e publicanos os precederão na entrada do Reino (Mt 21.31). Já seria demais os líderes religiosos aceitarem o fato de que gente desta natureza participa do Reino, mas seria impossível concebê-la puxando a fila precedendo os nomes de grande destaque na organização eclesial.

Um coração reto, um espírito de verdadeiro arrependimento e a aceitação da graça de Deus valem muito mais do que cerimônias religiosas e práticas externas da fé. Sendo assim, as crianças têm lugar especial no Reino e Jesus chegou ao ponto de declarar que ninguém conseguirá participar do Reino a não ser que receba a dádiva de Deus com o espírito espontâneo e aberto que caracteriza a criança (Mc 10.13-16). O Reino não pertence aos ambiciosos que almejam elevados cargos para dominar os outros. O maior do Reino é aquele que se faz servo de todos (Mt 20.20-28).

1. Qual destas parábolas do Reino mais os impressionou? Por que?
2. O grupo local está preparado para participar do Reino no sentido da vigilância conforme os ensinamentos de Jesus? Que evidências vocês apontam para comprovar esta vigilância? Se pensam que o grupo não se importa com o ensino da vigilância, o que fazer para alertar e corrigir esta falha?
3. Vocês estão preparados para algumas possíveis surpresas ou "zebras" quanto à participação no Reino? Será que o fato do nosso nome estar no rol da Igreja significa que estamos no rol dos que participam do Reino de Deus? O que podemos fazer para estar no rol do Reino?



As Bem-Aventuranças

Texto Bíblico Fundamental: Mateus 5.1-12

Como é o cidadão do Reino de Deus?

Quando se trata da cidadania de uma nação ou de outra, a questão é resolvida em termos do lugar do nascimento ou por um processo de naturalização. A pessoa nascida em um determinado território ou país, adquire a cidadania automaticamente. Também é possível passar por um processo de naturalização para adquirir a cidadania. Jesus considerou a questão da cidadania no Reino sob um ângulo diferente. Os judeus tradicionais julgavam-se "cidadãos do Reino" por serem descendentes de Abraão e herdeiros da promessa da aliança. Jesus foi mais a fundo na questão e falou de atitudes que caracterizam o cidadão do Reino. As bem-aventuranças descrevem estas atitudes que marcam e identificam o cidadão do Reino.

Ao examinar estas características, a sociedade em geral classifica estas atitudes como sendo as de pessoas fracas e sem expressão em um mundo real como o nosso. Os humildes de espírito? Os mais espertos os engolem num instante! Os que choram? Só os fracos e os desesperados choram! Os fortes lutam e conseguem o que querem! Os mansos? Os concorrentes pisam neles e os passam para trás! Ter fome e sede de justiça? Bom é ter tudo que se deseja e lutar para que isto aconteça! Os limpos de coração? A gente precisa ser realista; ninguém é perfeito e é preciso saber como fazer as coisas com um bom jogo de cintura! Pacificadores? O mundo pertence aos mais fortes e àqueles que têm armas mais poderosas para impor sua vontade! Ser perseguido nunca pode ser "uma boa"! Cada um tem que se defender como pode para evitar a perseguição!

Estas são as idéias mais comuns em torno do assunto. Contudo, Jesus veio trazer conceitos bem diferentes.

O cidadão do Reino desenvolveria atitudes refletindo outros valores. Examinemos estes valores que se encontram nas bem-aventuranças.

Os humildes de espírito (v. 3) - Estes são abençoados e felizes porque aprenderam a depender de Deus e confiam na Sua bondade e misericórdia. Sabem que o Senhor se importa com eles, embora os demais os possam desprezar, diminuir e oprimir. Para muitos, o acúmulo de bens materiais e a corrida desenfreada pelo poder tornam-se obstáculos no caminho. Os humildes de espírito não têm tais obstáculos e por isso podem receber, com fé, o Reino que Deus oferece a todos.

Os que choram (v. 4) - A bênção prometida não é para todo e qualquer um que chore. É uma consolação prometida aos que choram pelos pecados que oprimem seus espíritos (deles e dos outros) porque dentro da misericórdia e da graça de Deus há perdão e alívio para os arrependidos e os contritos. Aqueles que aceitam a tristeza como fato inegável da vida e aprendem com ela, crescem por causa destas experiências e aceitam os desafios que elas apresentam, são abençoados e felizes. Uma parte integrante da mensagem da vinda do Messias era a de consolação. O Enviado de Deus é aquele que vem para consolar os que choram (Is 61.2 e Lc 2.25). O próprio Jesus chorou sobre a cidade pecaminosa de Jerusalém e lamentou a dureza do coração dos habitantes. O salmista lamentou seu pecado no Salmo 51 e pediu que Deus lhe desse um coração puro e um espírito reto.

Os que choram e lamentam neste espírito recebem de Deus a mensagem rica e preciosa da graça divina, e são consolados. O publicano, aflito com seus pecados e com sua condição de alienação de Deus, batia no peito em sinal de profunda contrição e tristeza. Voltou para casa abençoado e consolado (Lc 18.9-14).

Os mansos (v. 5) - Não significa fraqueza ou submissão no sentido de um cavalo amansado ou dominado. Moisés era caracterizado como pessoa mansa (Nm 12.3), mas todos sabem, era um líder enérgico e corajoso. Os mansos são aqueles que não dependem da força para conseguir seus objetivos.

Quando os soldados prenderam Jesus, Pedro puxou a espada para tentar resolver a questão na base da força. Jesus mandou meter a espada de novo na bainha. O manso Jesus declarou: "Não beberei o cálice que o meu Pai me deu?"

Enquanto o manso Jesus enfrentava seus perseguidores e a morte horrível da cruz, o "corajoso" Pedro negou três vezes ter qualquer relacionamento com Jesus por medo das autoridades (ver Jo 18.10-11 e 18.15-18 e 24-27). Os mansos não são vingativos e só dependem da força do Senhor (Sl 37.11; Zc 4.6; Rm 12.19; I Pe 2.23).

Os que têm fome e sede da justiça (v. 6) - Estes desejam acertar, corrigir abusos, defender os direitos dos outros e fazer o correto. Desejam esta justiça com a mesma intensidade com que querem saciar a sede ou

matar a fome. Serão abençoados porque ficarão satisfeitos com a ação final de Deus. Deus quer também esta justiça e concretizará seus propósitos neste sentido. Tais pessoas não são justiceiras no sentido de tomar em suas próprias mãos o papel de Deus.

Elas dependem de Deus e Nele confiam, pois a sua justiça é perfeita. Alimentam a esperança da justiça, mas dependem de Deus para concretizá-la. Não ficam de braços cruzados, passivos. Participam ativamente no trabalho de Deus para realizar esta justiça tão desejada (Pv 21.21; Sl 17.15; Is 62.2 e Lc 18.7).

Os misericordiosos (v. 7) - Estes tratam os oprimidos e os indefesos com amor e misericórdia. O Reino pertence àqueles que usam a compaixão e o amor para com os outros (Lc 10.37; Mt 17.15; Mt 6.14-15; Mt 7.1-2). Os romanos destestavam a idéia da misericórdia, pois era tida como sinal de fraqueza. Os estóicos poderiam oferecer ajuda, mas friamente e sem compaixão. Os fariseus eram zelosos no cumprimento da lei, mas rígidos demais para demonstrar misericórdia (Mt 23.23 e Lc 11.41).

Os limpos de coração (v. 8) - Significa singeleza de objetivos, é buscar uma só coisa. A palavra coração inclui a mente, o pensar e o sentir. Aqueles que tentam fazer a vontade de Deus com singeleza de coração, verão a Deus (Sl 24.4; Sl 42.2; Sl 73.1; Cl 3.22; Tg 4.8 e Ap 22.4).

Os pacificadores (v. 9) - Em nosso mundo é mais fácil encontrar pessoas que gostam de agitar, semear confusão, irritar, reabrir cicatrizes de velhas brigas e dificultar os relacionamentos. Jesus disse que o cidadão do Reino é alguém que facilita o relacionamento e que colabora com a paz. Os cidadãos do Reino procuram a paz e se empenham em alcançá-la (Sl 34.14). Esta paz é muito mais do que a mera ausência de guerra ou o uso das armas. É o SHALOM que significa harmonia, bem-estar, felicidade, bênçãos, prosperidade, saúde e equilíbrio. Oséias 1.10 é um texto que fala de um povo que passou a ser chamado filhos de Deus. O pensamento em Mt 4.44-45 sugere que aqueles que amam os inimigos e os antipáticos se tornam filhos de Deus porque na realidade são pacificadores por excelência.

Os Perseguidos (vv. 10-12) - Nem todos os perseguidos recebem a bênção de Deus. A condição está clara - perseguidos por causa da justiça. O cidadão do Reino é fiel e firme, mesmo sob pressão. Os cristãos podem passar por perseguições e Jesus advertiu que isto aconteceria. Contudo, o cidadão do Reino não desmorona diante das dificuldades. Pelo contrário, utiliza estas experiências para crescer na fé. O cidadão do Reino chega ao ponto de exultar e regozijar nos sofrimentos e nas perseguições, pois mesmo no meio das tribulações já sente a vitória (I Pe 6-12; Rm 5.3-5; Rm 8.18)

Para reflexão em grupo

1. Reparta com o grupo qual a bem-aventurança que mais chama a sua atenção. Por que?
2. Comparar as bem-aventuranças em Mt 5.1-12 com as bem-aventuranças e os aís que se encontram em Lc 6.20-26. Quais pontos são semelhantes? Quais são diferentes?
3. É comum encontrar as atitudes descritas nas bem-aventuranças em pessoas da nossa sociedade? Era comum no tempo de Jesus?
4. Citar exemplos de pessoas do seu relacionamento que se mostraram humildes de espírito, ou mansas, ou misericordiosas, ou limpas de coração ou pacificadoras na vida diária da nossa sociedade de hoje.



Capítulo IV

Visões do Reino

Os Meus Olhos já Viram a Tua Salvação

Texto Bíblico Fundamental: Lucas 2.25-35

Visões do Reino em tempos difíceis

Simeão, Ana, Maria, José, Isabel e Zacarias tiveram visões do Reino pelos olhos da fé. Ao seu redor, só havia sinais materiais do poderoso império romano. O mundo mediterrâneo estava sob o controle de Roma; a Palestina vivia debaixo do controle do imperador romano e seus governadores escolhidos a dedo para manter o poderio romano e levar o máximo em impostos da terra ocupada para sua própria tesouraria.

Enquanto os demais enxergavam apenas estes sinais de um reinado militar e político, o velho Simeão teve a visão da concretização da salvação do Senhor em benefício de todos os povos.

Tomou o pequeno Jesus nos braços e louvou a Deus pelo sinal concreto deste Reino. Anunciou em fé sua realidade (Lc 2.25-25). Maria, mulher humilde e simples, também teve uma visão deste Reino.

Teria sido mais comum uma mulher judia e da classe pobre ter uma visão de um Reino pertencente aos homens, aos ricos e aos poderosos e fortalecido pelo poderio militar.

Contudo, Maria cantou uma visão completamente diferente. Ela percebeu um reino em que uma mulher humilde e submissa à vontade de Deus poderia chegar a ser considerada bem-aventurada entre as mulheres. O Todo-Poderoso passaria para trás os ocupantes de lugares de destaque no cenário político da época e operaria grandiosamente em sua vida.

O braço forte do Senhor agiria em benefício dos pequenos e dos humildes para derrubar tronos poderosos e dispersar aqueles de pensamentos soberbos. Os famintos no reino receberiam alimento em fartura e os ricos seriam despedidos vazios. Este cântico de Maria é uma poderosa

afirmação de fé. Ela não cantou sobre aquilo que ela sonhava, e sobre aquilo que ela gostaria que acontecesse. Ela cantou sobre uma realidade concreta que ela considerava como fato já consumado (Lc 1.46-55).

José participou nesta visão do Reino. A reação inicial de José perante os eventos é compreensível e humana. Seu primeiro pensamento foi de deixar Maria discretamente. A intervenção divina esclareceu o assunto e José passou a participar da visão de um reino bem diferente de qualquer reinado aqui na terra. Assumiu sua obrigação de proteger e amparar aquele que seria o Salvador (Mt 1.18-25). Ana, a profetisa, compartilhou da visão do Reino. Naquela idade avançada em que quase todas as pessoas idosas olham para trás e repetem as coisas do passado, Ana ficava lá no templo em oração e meditação e, ao ver o menino Jesus, declarou sua fé em Deus e na concretização de tudo que Ele havia prometido ao povo (Lc 2.36-38). Isabel e Zacarias, casal piedoso, também tiveram uma participação marcante nesta visão do Reino. Ambos aceitaram seu papel como pais de João Batista e viram neste menino aquele que iria preparar o caminho para o Enviado de Deus, o Salvador (Lc 1.39-45 e 67-80).

Estes personagens descobriram o que nós poderíamos aprender hoje. O Reino de Deus é algo real, concreto e viável. O poder de Deus está à nossa disposição para realizar a Sua vontade aqui na terra. A profecia dizia que o nome do Enviado de Deus seria Emanuel, que quer dizer, Deus conosco.

Ele está conosco para que seu Reino seja uma realidade entre nós (Mt 1.23 e Is 7.14).

Para reflexão em grupo

1. Como podemos interpretar a frase de Simeão sobre a consolação de Israel? Que consolação era essa? O que tinha acontecido ao povo judeu para deixá-lo desesperado e desconsolado? Como pôde a vinda de Jesus trazer consolação e esperança (Lc 2.25)?
2. Se Simeão tivesse visto grandes batalhões de exércitos e muitas armas, teria sido mais fácil reconhecer o fundamento da sua esperança. Todavia, ele tomou nos seus braços uma pequena criança de poucos dias de idade e declarou que estava satisfeito por ter visto a salvação do Senhor. Como se explica isto? Quais os sinais hoje que podemos apontar que comprovam que já vimos a salvação do Senhor?
3. Comentar o texto de Lc 2.34. Como Jesus é alvo de contradições? Em que sentido ele levantou muitos e derrubou muitos?

4. O cântico de Maria (Lc 1.46-55) é uma expressão de fé ou de desespero? É um sonho que representa o desejo de Maria ou é algo que Deus já concretizou? Podemos citar casos de poderosos sendo derrubados de seus tronos nos dias de hoje? Os ricos são despedidos vazios hoje enquanto os famintos são enchedos de bens? Se acontece, onde? Se não acontece, por que e como fica esta afirmação de fé?

5. Que tipo de esperança gerou o nascimento de Jesus? Todos ficaram satisfeitos ou alguns ficaram decepcionados com Jesus e sua missão aqui na terra?



Um Novo Céu e Uma Nova Terra

Texto Bíblico Fundamental: Apocalipse 21.1-8

A visão escatológica do reino

A palavra **escatologia** refere-se às últimas coisas - os acontecimentos finais. O livro de Apocalipse fala do Reino em termos dos últimos acontecimentos. Porém um evento escatológico não é um evento mágico, que acontece repentinamente; na verdade, o termo grego **escaton** encerra em si também um significado de algo que já está acontecendo e que tem a sua plenitude no final dos tempos. O Reino é assim, é algo que já está se realizando, mas que chegará à sua plenitude no final dos tempos. Vamos ver agora qual era a compreensão do Reino no livro do Apocalipse.

A situação

O livro refere-se à situação em que viviam os cristãos nos anos 90 a 100 d.C. O Império Romano estava no controle do mundo mediterrâneo e a Palestina era um dos países dominados por esta força.

O cristianismo cresceu em influência e se expandiu pelo império graças aos esforços missionários do apóstolo Paulo e outros fiéis.

As autoridades romanas eram bem tolerantes a essa nova religião desde que os adeptos não criassem desordem ou não desafiassem a autoridade romana. Mas um fato novo se deu para alterar a situação. Os imperadores romanos se embriagavam com o poder que estava em suas mãos. Não mais se contentavam em exercer a autoridade civil; queriam receber as manifestações de louvor e adoração do povo. Não se contentavam em ser imperadores; queriam ser deuses. Os cidadãos pagãos não tinham qualquer dificuldade em aceitar esta imposição. Era só montar mais um ídolo na coleção da família, acrescentar mais uma oração a um outro deus e o imperador estava instalado junto aos demais deuses que faziam

parte das cerimônias religiosas do povo. Contudo, o assunto não era tão simples para os cristãos. Eles tinham fé em um só Deus. Jesus Cristo era o único Senhor.

O cristão poderia obedecer ao imperador, cumprir todas as obrigações civis e pagar os impostos devidos; mas uma coisa ele nunca poderia fazer - prestar culto ao imperador. A confusão estava armada. Os imperadores começaram a exigir o culto à sua pessoa e os cristãos se negaram. Nero autorizou a primeira perseguição horrível contra os cristãos em 64 na tentativa de forçar a submissão. O imperador Domitiano aumentou esta perseguição no ano 90, torturando e matando os cristãos para que estes mudassem sua posição e prestassem seu culto ao imperador. Nesta situação deplorável, as comunidades cristãs sofriam por sua fé. Muitos foram mortos, outros torturados e encarcerados. Todos sofriam pressões econômicas. Não tinham facilidade em comprar ou vender produtos, perdiam empregos e recebiam pressões de todos os lados.

Para estas comunidades, João mandou sua mensagem de fé e de encorajamento. Ele próprio estava em exílio na ilha de Patmos por causa da sua fé e se identificou como um companheiro e irmão nas tribulações (Ap 1.9). Nesta situação de perseguição e sofrimento, João reflete acerca do Reino. Sua visão é escatológica, isto é, fala das coisas finais e da vitória certa e definitiva de Deus e da concretização do seu Reino, que já podia ser visto na luta que os cristãos viviam naquele momento. Esta afirmação do Reino era justamente o ânimo e a esperança que precisavam.

Esta mensagem de fé foi enviada aos crentes perseguidos na forma do simbolismo apocalíptico. Alguns destes símbolos são obscuros e difíceis para o entendimento do leitor moderno, mas para aquela época e para os fiéis perseguidos, o simbolismo era bem conhecido e a mensagem era de grande valor. Com esta visão do Reino, os fiéis ganharam coragem para enfrentar as terríveis perseguições.

As mensagens às sete igrejas (Ap 2 e 3)

Estas cidades mencionadas existem e certamente algumas comunidades cristãs se encontraram nestas localidades. Contudo, o número sete é o símbolo de algo completo e podemos deduzir que estas mensagens se dirigiam a todas as comunidades de fiéis nestes tempos de perseguição. As mensagens eram diferentes para cada comunidade, mas o tema era sempre o mesmo: coragem e perseverança. A igreja de Éfeso suportava as provas mas ainda voltaria às origens e redescobriria o seu primeiro amor pela causa de Deus para poder suportar tudo (2.3-5). A palavra à igreja de Esmirna pode ser considerada um pequeno resumo do

livro de Apocalipse: "Sê fiel até a morte e dar-te-ei a coroa da vida" (2.10). Pérgamo estava no centro da perseguição e, em geral, era fiel. Mas alguns caíram no louvor de ídolos e comeram alimentos sacrificados aos falsos deuses. João afirma que Deus alimentará o povo com maná espiritual para lhe dar forças contra a tentação de cair na idolatria (2.13, 17). A comunidade de Tiatura recebeu elogios pela perseverança e suas boas obras. Porém alguns seguiam algumas lideranças que levavam o povo por caminhos errados. Foram seduzidos a praticarem a prostituição e a comerem coisas sacrificadas aos ídolos. O nome de Jezabel descreve estas seduções e a prostituição aqui não se refere somente à licenciosidade sexual, mas ao fato de trair o Deus Verdadeiro e procurar falsos deuses, especialmente a adoração ao imperador (2.20). A mensagem termina com uma promessa aos que guardarem a fé até o fim (2.26). A igreja de Sardes foi desafiada a permanecer firme e vigilante (3.2-4). Poucos tinham conservado a pureza de costumes mas aqueles que andavam em Cristo se destacavam pela vida correta.

O simbolismo era de vestiduras brancas. A comunidade de Filadélfia tinha permanecido fiel. A mensagem era para os fiéis continuarem na perseverança aguardando a vitória final (3.10-12). A mensagem à igreja em Laodiceia falava da necessidade da consagração e dedicação total. Uma fé morna não servia para tempos como estes. Era preciso ter bastante disciplina para ser como ouro refinado pelo fogo (3.15-19).

Diversas visões (Ap 4-22)

Depois das cartas endereçadas às igrejas, o livro de Apocalipse relata uma série de visões sobre vários assuntos. Porém, na diversidade de assuntos, um tema aparece: a vitória final de Deus e seus propósitos. A despeito dos conflitos e perseguições, a fé do apóstolo é que o reino deste mundo se tornará de nosso Senhor e do seu Cristo e ele reinará para sempre (Ap 11.15).

Os capítulos 4 e 5 falam de visões de adoração à Deus e ao Cordeiro. O povo perseguido pelos poderes romanos na tentativa de forçar todo o mundo a adorar ao imperador, recebe agora a visão de um louvor puro e verdadeiro dirigido ao Deus verdadeiro e ao Cordeiro.

Em seguida, temos sete visões, cada qual com sete visões menores embutidas. As sete visões maiores são: Os sete selos (6.1 a 8.6); as sete trombetas e seus ais (8.7 a 11.19); as sete visões do reino do dragão (12.1 a 13.18); as sete visões dos adoradores do cordeiro e dos adoradores da besta (14.1-20); os sete flagelos (15.1 a 16.21); sete visões da queda da Babilônia (Leia-se o Império Romano) (17.1 - 19.10); Sete visões do fim da era de

Satanás e o início do reinado de Deus (19.11 a 21.8).

O livro de Apocalipse termina com descrições suplementares da Nova Jerusalém, detalhes sobre a cidade e admoestação e promessas finais.

O Grande Final

Em filmes ou peças teatrais dramáticas o autor geralmente procura terminar o espetáculo tentando incorporar todos os aspectos do tema em uma só cena - o grande final. Em certo sentido, o livro de Apocalipse é o grande final no drama da salvação. No início desta série de estudos vimos a Criação como sendo o plano de Deus para tudo e para todos. Existia harmonia, paz e equilíbrio perfeito entre a natureza, a ordem criada, as pessoas entre si e todas em perfeito relacionamento com Deus. Era o plano de Deus. O pecado atrapalhou e várias tentativas foram feitas para restabelecer este reinado de Deus. Jesus veio para realizar o plano da salvação e a redenção de tudo e de todos. Ele mesmo retomou o tema do Reino de Deus e ensinou sobre sua natureza. Seu ensinamento não se limitou às parábolas e às bem-aventuranças e outros discursos proferidos. Ele viveu o Reino. Este Reino tornou-se uma realidade para os fiéis. Após a morte e a ressurreição de Jesus, o cristianismo cresceu e expandiu-se pelo Império Romano, o mundo conhecido da época. Porém, os imperadores romanos começaram a perseguir os cristãos na tentativa de exigir a adoração à pessoa do imperador. No meio destas perseguições sangrentas, João enviou uma mensagem de fé e coragem aos fiéis. No meio do mais temível poderio militar que o mundo conhecia, João apontou para o poder soberano de Deus. No meio de pressões para adorar ao imperador, João exaltou o Cordeiro e declarou que só Ele era digno de louvor. Na presença da horrível besta (o poderio econômico e político de Roma) João viu, pelos olhos da fé, a queda e a destruição deste mal. Tal mensagem era de grande conforto para os fiéis dando-lhes coragem e força para a caminhada.

Assim, a Bíblia termina onde começou - uma nova terra e um novo céu onde há paz, tranquilidade, harmonia e SHALOM. O Reino de Deus é uma realidade. O sonho de Deus expresso na criação é um fato e os reinos deste mundo se transformam no reino do nosso Senhor e Ele reinará para sempre (Ap 11.15).

Para reflexão em grupo

1. Os símbolos para os inimigos do povo eram o dragão, a besta que emerge do mar e a besta que emerge da terra. O poderio militar, político e econômico de Roma eram simbolizados com estas figuras. Por que estes

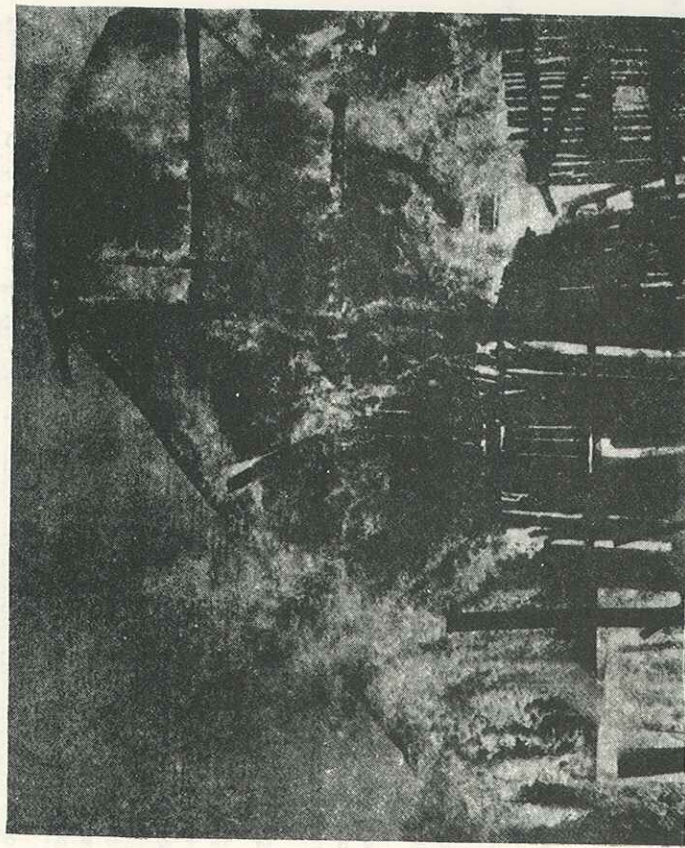
eram inimigos do povo? João estava certo quando viu a queda destes poderosos inimigos? Quais são os inimigos do povo hoje? Temos certeza da derrota destes inimigos? Qual é a certeza?

2. Examinar novamente Ap 21.1-8. O que mais lhes impressiona nesta descrição? Estamos longe ou perto de uma existência assim? Estas palavras descrevem a vida no porvir ou podemos esperar alguma coisa neste sentido aqui e agora? Por que se fala em novo céu e nova terra - por que não se descreve somente um novo céu? Isto significa que algo deve acontecer aqui nesta vida também?

3. Examinar as mensagens às sete igrejas novamente. Qual mensagem serve para nossa igreja local?

4. Se sua congregação local ou seu grupo de estudos sofresse uma perseguição tal como os primeiros cristãos, quantos suportariam as pressões? Como poderíamos enfrentá-las como grupo?

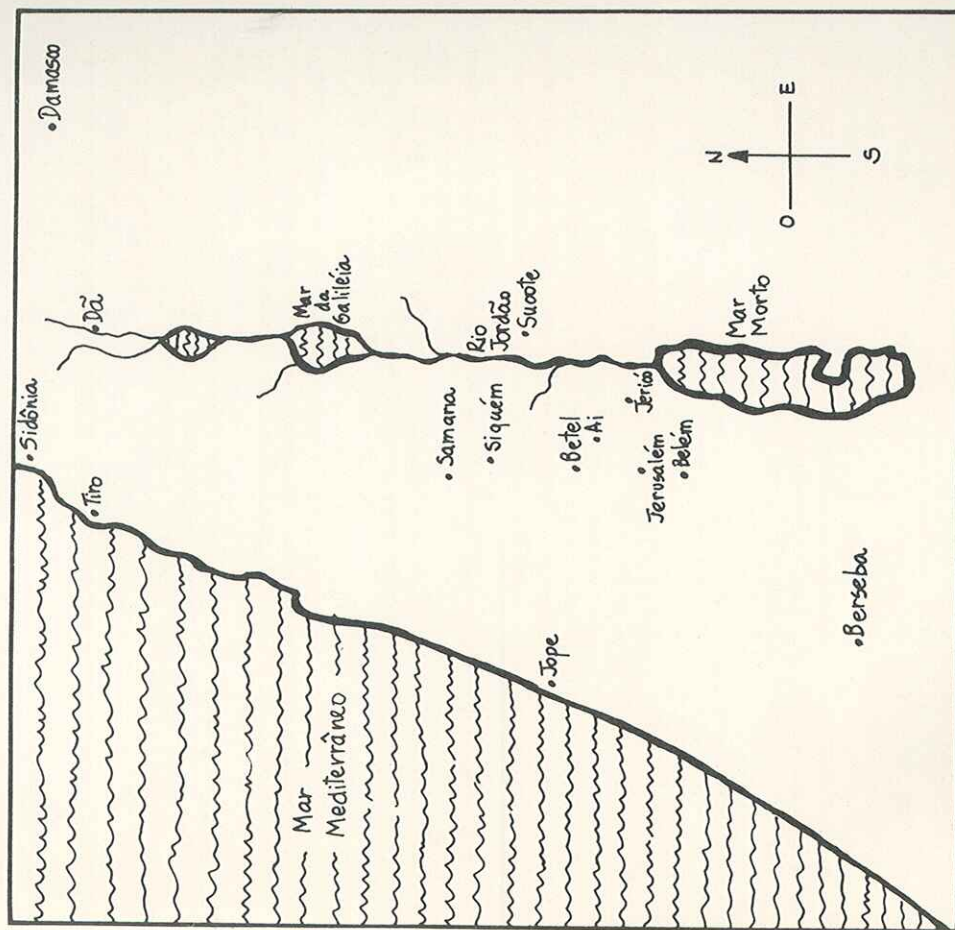
5. Como pode a mensagem do livro de Apocalipse ajudar os fiéis hoje na sua vida espiritual?



Apêndice

Notas sobre as 14 cidades localizadas no mapa.

- AI** - Onde os israelitas sofreram uma derrota vergonhosa e surpreendente por causa do pecado de Acã (Josué 7).
- Belém** - Onde Jesus nasceu.
- Berseba** - A tribo com este nome ocupava o ponto no extremo sul da Terra Prometida.
- Betel** - Cidade antiga fundada um século antes de Abraão. Lugar onde Abraão ergueu um altar (Gn 12.8 e 13.4) e onde Jacó teve uma experiência marcante e renovou a aliança com o Senhor (Gn 35.10-15).
- Dã** - A tribo com este nome ocupava o ponto no extremo norte da Terra Prometida.
- Damasco** - Cidade antiga e importante já existente no tempo de Abraão (Gn 14.15 e 15.2). No NT, Paulo ia para essa cidade com a finalidade de prender e perseguir os cristãos. Sua conversão se deu no caminho. Alguns entendidos afirmam que Damasco é a cidade mais antiga do mundo em existência contínua dos tempos antigos até hoje.
- Jericó** - Importante cidade-fortaleza que Josué tinha de conquistar para ganhar entrada na Terra Prometida. Alguns arqueólogos consideram Jeri-có a mais antiga cidade já conhecida na história da humanidade.
- Jerusalém** - Capital e centro da vida nacional e religiosa dos israelitas. Um majestoso templo foi construído na cidade.
- Jope** - Cidade porto que servia a Jerusalém uns 55 kms distante, chamado Jafo nos tempos antigos (Js 19.46). Nos dias do NT uma comunidade cristã floresceu na cidade com nomes em destaque, tais como o de Dorcas (At 9.36-42). Pedro se hospedou em Jope na casa de Simão (At 10.23). Hoje a cidade é subúrbio de Tel-aviv, capital de Israel.
- Gaza** - Cidade antiga a poucos quilômetros da costa. Sempre foi importante como centro comercial por causa da sua localização estratégica nas principais rotas de transportes por terra. Desde sua menção no Antigo Testamento (Gn 10.19) até os dias de hoje, tem sido um lugar cobinado e disputado e é cenário de lutas e guerras incessantes.
- Sidônia** - Importante cidade porto localizada no norte do território dos israelitas (Gn 10.15 e I Cr 1.13).
- Siquém** - Lugar onde Josué desafiou o povo a renovar a aliança com Deus, e onde advertiu a todos a deixarem o louvor de deuses falsos para adorar e servir ao Deus Verdadeiro. Cidade localizada entre o monte Ebal e o monte Gerizim. Quem controlava esta passagem pelas montanhas comandava as estradas no sentido leste-oeste.
- Sucote** - Lugar onde Jacó edificou um abrigo para sua família e para o gado e reconheceu a proteção e bênção de Deus (Gn 33.17). Moisés usou Sucote como ponto de referência para estabelecer linhas de demarcação das diversas heranças (Js 13.27).
- Tiro** - Cidade localizada ao norte da Terra Prometida (Js 19.29). Davi e Salomão utilizaram este excelente porto para receber madeira e construtores do Líbano para as obras do Templo. Parece que os residentes de Tiro eram excelentes trabalhadores em metais e bronze e Hirão foi o principal na confecção dos utensílios do Templo (I Rs 7.14).



LOJA/SHOW ROOM
Av. da Liberdade, 655
01503-001 - São Paulo
Fone: (011) 278-6388



Rua Vigário João de Pontes, 766 - Chácara Flora
CEP 04748-000 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 532-9622/247-5288
FAX: (011) 521-2825